

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE HISTÓRIA

LUÃ RODRIGUES LOPES

**SALA DE VISITA: ANALISANDO A CULTURA
CAPITALISTA EM FORTALEZA ATRAVÉS DOS OBJETOS
DOMÉSTICOS (1871-1910).**

FORTALEZA-CE

2014

LUÃ RODRIGUES LOPES

**SALA DE VISITA: ANALISANDO A CULTURA
CAPITALISTA EM FORTALEZA ATRAVÉS DOS OBJETOS
DOMÉSTICOS (1871-1910).**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação
em História, da Universidade Estadual do Ceará,
como requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em História.

Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago
de Freitas.

FORTALEZA-CE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho

Bibliotecário(a) Responsável – Thelma Marylanda Silva de Melo - CRB-3/623

L864s

Lopes, Luã Rodrigues

Sala de visita: analisando a cultura capitalista em Fortaleza através dos objetos domésticos(1871-1910)/ Luã Rodrigues Lopes. – 2014.

CD-ROM. 70f.: il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Licenciatura em História , Fortaleza, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas.

Capitalismo. 2. Cultura material. 3. Sala de visita. I. Título.

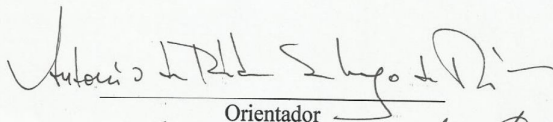
CDD: 330.122



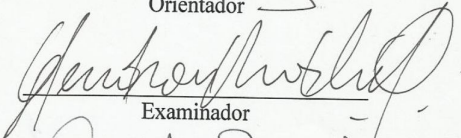
Universidade Estadual do Ceará – UECE –
Centro de Ciências Humanas – CH – Curso em História -

**ATA DE DEFESA DA MONOGRAFIA EM HISTÓRIA, DO (A) GRADUANDO (A)
LUÃ RODRIGUES LOPES, MATRÍCULA Nº 1060352, REALIZADA NA UECE,
NO CURSO DE HISTÓRIA, NO DIA 26/02/14.**

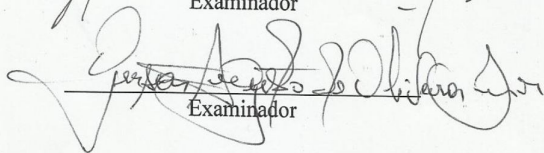
Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e catorze, às nove horas, na sala dos professores do Curso de História da UECE, em Fortaleza, sob a presidência do(a) Prof. Dr. ANTÔNIO DE PÁDUA SANTIAGO DE FREITAS, em sessão pública, reuniu-se a Banca Examinadora da defesa de Monografia em História do(a) graduando(a) LUÃ RODRIGUES LOPES, assim constituída: Prof. Dr. ANTÔNIO DE PÁDUA SANTIAGO DE FREITAS - Orientador(a), da Universidade Estadual do Ceará; Prof. Dr. GLEUDSON PASSOS CARDOSO, da Universidade Estadual do Ceará e do Prof. Dr. GERSON AUGUSTO DE OLIVEIRA JÚNIOR, da Universidade Estadual do Ceará, aceita pela Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a Presidência deu conhecimento aos membros da Banca e à (o) candidata (o) das normas que regem a defesa da Monografia e definiu-se a ordem a ser seguida pelos examinadores para a arguição. A seguir, o(a) candidato(a) passou à defesa de sua monografia intitulada: “SALA DE VISITA: ANALISANDO UMA CULTURA CAPITALISTA EM FORTALEZA ATRAVÉS DOS OBJETOS DOMÉSTICOS (1871-1910)”. Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento, tendo sido o (a) candidato (a) aprovado (a) com a média 9 (NOVE). Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora. Francisco José Pereira, Secretário “ad hoc” dos trabalhos. Fortaleza, 26 de fevereiro de 2014.



Orientador



Examinador



Examinador

AGRADECIMENTOS

“Muita gente riu de mim quando eu disse que podia fazer o que quisesse da minha vida. Foram muitos anos de insistência, muitos baldes de água fria na cabeça, muitos goles a mais, alguns passos pra trás só flagrando a cena. Eu aprendi bastante para poder sorrir, pois ainda estou aqui tentando conquistar o meu espaço com muita pouca condição mais a cabeça não abaixo.” (CBJR)

É de suma importância sabermos retribuir aquilo que nos é oferecido, é preciso reconhecer e dar o devido valor a quem está ao nosso lado. A realização dessa pesquisa não seria possível se as pessoas com as quais convivemos não nos apoiassem e, em alguns momentos, não ficassem solidárias com nossas angustias e receios. Assim gostaria de fazer alguns verdadeiros agradecimentos.

Inicialmente agradeço ao Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas, por me orientar nas minhas dúvidas e compreender minhas dificuldades e principalmente por ter acreditado em mim logo no início do curso. Também por sua atenção e humildade, características tão esquecidas em um meio acadêmico bastante hierarquizado que só afasta cada vez mais o professor do aluno.

Um agradecimento ao Grupo de Pesquisa Práticas Urbanas que, devido aos encontros e discussões, consegui um grande leque de materiais bibliográficos, uma vasta experiência e um suporte acadêmico para a realização desta pesquisa.

Uma especial atenção ao Centro Acadêmico Caldeirão – Gestão Identidades, pois foi através dessa gestão que consegui entender e viver toda a militância estudantil que existe dentro das universidades brasileiras. Os diálogos, debates e encontros só fortaleceram cada vez mais meu viés político que com certeza influenciou minha pesquisa e minha formação acadêmica.

Não podia deixar de agradecer aos meus amigos. Amigos do meu semestre (Alexandre Sombra, Camila Mota, Caio Lucas, Maykcol Camurça, Alissom Araujo e Reverson Nascimento) que entramos repletos de vontades e sonhos. Amigos mais próximos que sempre ajudaram em momentos difíceis e certamente torceram e acreditaram no meu potencial. E os amigos de bar (Germano Magão, Pádua Junior, Pedro Ivo, Bruno Costa, Kelvia Costa e Stênio

Ronald) que, mesmo nos momentos mais lúdicos possíveis de uma universidade, conseguiram me passar algo importante e que principalmente me fizeram estar em equilíbrio e aproveitar tudo aquilo que uma universidade possa oferecer.

Uma atenção especial aos meus pais, meu irmão, minha namorada e todos meus familiares, que sempre me conscientizaram da importância do estudo e sempre ao meu lado trouxeram conforto espiritual e compartilharam problemas e fraquezas, ajudando a construir cada etapa da minha vida. Obrigado por sempre terem me dado força e confiança para seguir nessa grande empreitada chamada vida.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada procura realizar uma reflexão a respeito de uma maior inserção da cidade de Fortaleza na cultura capitalista, através do consumo de objetos domésticos da sala de visita, entre o ano de 1871 a 1910. O contexto de um desenvolvimento capitalista e um processo civilizador que estava se perpetuando em todo o ocidente e as instalações de diversas casas comerciais estrangeiras acabaram estimulando o consumo de objetos referentes à sala de visitas que representavam uma cultura capitalista estrangeira entrando no estado cearense. Analisamos inventários, literatura e periódicos com o intuito de perceber essa cultura capitalista nos lares das famílias fortalezenses. No mais, refletimos as transformações ocorridas no cotidiano das famílias fortalezense devido à inserção no “modo de vida moderno” e a utilização desses artefatos pela a sociedade cearense da época.

Palavras-chave: Capitalismo, Cultura Material e Sala de Visita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – “A Chegada de Uma Cultura”: Transformações nas Salas de Visita das Famílias fortalezenses.....	15
1.1 – A “Gênese” do Comércio Cearense.....	15
1.2 – O “Capitalismo Atravessa o Atlântico”: A instalação da Casa Comercial Boris Frères em Fortaleza.....	21
1.3 – O “Gosto Burguês de Morar”: Transformações, Modernidade e Refinamento na Sala de Visita.....	26
CAPÍTULO 2 - Móvel e Sala de Visita: Comércio e Consumo de Uma Cultura.....	34
2.1 – A Sala de Visita nos Inventários Cearenses: Mobiliário e Sua Utilização Social no Cotidiano.....	34
2.2 - “O Consumo de Uma Cultura”: Anúncios e Leilões de Artefatos Domésticos.....	45
CAPÍTULO 3 - A Ritualística dos Objetos: a Literatura Cearense e O Processo Civilizador.....	49
3.1 – A Literatura Cearense do Século XIX: A “Missão Civilizatória”.....	49
3.2 – A Normalista: A Sociedade a Caminho do “Progresso”.....	52
3.3 – A Cultura para a Elite: A Disparidade nas Casas das Famílias Cearenses na Obra (A Fome) de Rodolfo Teófilo.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
FONTES.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto maior intitulado “CAPITALISMO, CIVILIZAÇÃO E TRADUÇÃO CULTURAL NAS CIDADES DO CEARÁ (1860-1930)”, do Grupo de pesquisa Práticas Urbanas. O objetivo dessa pesquisa é estudar a inserção das cidades do Ceará na Cultura Capitalista em mundialização. Esse projeto está dividido em 6 eixos: Governamentalidade e Controle Social, Práticas Letradas e Urbanidades, Hábitos e Costumes, Comida e Alimentação e Produção e Consumo de Objetos Domésticos. A presente pesquisa se insere nesse último eixo e nossas preocupações são com os objetos domésticos da sala de visita.

Antes de tudo faz-se necessário definir o termo Cultura Capitalista. Primeiramente como será utilizado o termo cultura e posteriormente o termo capitalismo. Segundo Alan Macfarlane,

O termo cultura também não deixa de intrigar por seu duplo sentido: utilizo-a em ambos. Por um lado, possui uma acepção antropológica. Limito-me a citar a famosa definição de Boas da cultura como sendo “a totalidade das atividades de reações físicas e mentais que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social, coletivamente e individualmente em relação a seu ambiente natural, aos outros grupos, a membros do próprio grupo e de cada indivíduo em relação a si próprio. Inclui também os produtos de tais atividades e seu papel na vida do grupo”. É nesse sentido que este volume analisa o sistema cultural do capitalismo, sua mentalidade, moralidade e estrutura emocional.¹

Seguindo essa linha de pensamento de Alan Macfarlane podemos entender por Cultura Capitalista, o que se refere a outras esferas que surgem ou se modificam com o surgimento da esfera econômica capitalista, ou seja, com o desenvolvimento do capitalismo ou com o seu surgimento também vão ocorrer diversas mudanças nas esferas da mentalidade, da moralidade e da estrutura emocional.

O termo Capitalismo utilizado nesse trabalho está seguindo a seguinte definição:

Para tal, farei referência à formulação clássica de Marx e Weber do conjunto de características do capitalismo relacionadas entre si. O capitalismo é um entre vários

¹ MACFARLANE. Alan. **A cultura do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p. 16.

tipos de estrutura social. Na análise de Marx uma estrutura social consiste em uma infra-estrutura, ou “modo de produção” e uma superestrutura.²

As relações de produção – a maneira como as pessoas se relacionavam no processo produtivo – eram de fundamental importância. No capitalismo, dá-se um desenvolvimento pleno da propriedade individual e privada. A propriedade deixa de ser comunitária – possuída pelo o estado, pela a comunidade e família, ou mesmo pelos senhores feudais – conforme ocorria nas estruturas sociais anteriores, sendo plenamente possuída pelo o indivíduo. A aplicação dessa regra não se limita aos bens imóveis; inclui a derradeira “propriedade” de um indivíduo, sua força de trabalho. No capitalismo, tudo se torna alienável tudo é uma mercadoria negociável no mercado: as pessoas podem comprar e vender objetos, inclusive a força de trabalho própria ou de terceiros. Tudo torna-se aparentemente “livre”, recebendo um valor monetário. Portanto, a emergência da propriedade privada individual e o trabalho assalariado generalizado constituem dessa forma características centrais do capitalismo.³

Weber, portanto já está falando de atitudes e ideologia, e é em seus mergulhos na índole do capitalismo que residem suas mais importantes contribuições. Em ultima análise, a singularidade do capitalismo repousa em suas atitudes em relação a tais coisas como o dinheiro, o tempo, o esforço, a acumulação e assim por diante. O que aconteceu sob o capitalismo – segundo a crença de Weber – foi que a acumulação, a economia de dinheiro e a procura de lucro tornaram-se ética e emocionalmente atrativos, enquanto antes haviam inaceitáveis. A ética da acumulação infinita como meio, e não fim é a peculiaridade central do capitalismo.⁴

Entendemos que o quadro conceitual apresentado para definir Cultura Capitalista se aplica para Fortaleza da segunda metade do século XIX. Não que possamos comparar a cultura capitalista do Ceará com a da Inglaterra, por exemplo, mas que os elementos da mundialização dessa cultura se expandiram através das casas comerciais inglesas, francesas, alemãs entre outras. Então é necessário perceber, através dessas casas comerciais e da chegada de muitos estrangeiros no território cearense (especificamente em Fortaleza), diversas mudanças na mentalidade, na moralidade, na estrutura emocional e nos hábitos e costumes da população fazendo com que cada vez mais fosse fácil perceber como o capitalismo foi cultivado, ou seja, foi se formando e se adequando à cidade de Fortaleza.

É necessário salientar o contexto histórico em que a cidade de Fortaleza estava inserida durante a segunda metade do século XIX. As cidades do Ceará (inclusive Fortaleza) na segunda metade do século XIX passaram a serem as principais produtoras e exportadoras de algodão. O motivo de ter ocorrido esse grande aumento na exportação de algodão foi porque o principal concorrente da província cearense nesse mercado, os Estados Unidos,

² Idem, p. 268.

³ Idem.

⁴ Op. Cit. 271.

estava envolvido em uma guerra civil, a qual fez com que a produção de algodão norte-americana sofresse uma queda.

Durante esse período em que o Ceará estava em ascensão econômica, à província passou a investir em sua capital. Fortaleza tornou-se o principal polo econômico do Ceará a partir do ano de 1860, pois servia de ponto estratégico para as demais cidades que possuíam centros econômicos. O investimento na capital cearense ocorreu no âmbito da urbanização e que trouxe com ele a cultura, o lazer e com isso chegou a modificar os hábitos e costumes da população.

Se a mundialização do capitalismo transformou a cidade de Fortaleza do ponto de vista econômico, urbano, arquitetônico, intelectual, seus impactos foram percebidos também no interior das residências. Se Roberto da Matta define a casa como sendo:

Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.⁵

Nossa perspectiva é que a casa é o lócus em que se dá a interiorização da cultura capitalista. É no seu interior, com as relações com os indivíduos entre si (que fazem parte da família e os que fazem parte do círculo de amigos e interesses dela), entre os indivíduos e os objetos (móveis, aparelhos de toda a sorte para o uso pessoal, como escarradeiras, louças, vestimentas para os momentos adequados, as várias refeições etc.) que a Cultura Capitalista toma sua forma nos centros urbanos. É nesse sentido que estamos pensando a casa.

No entanto, a casa, com seus objetos e sociabilidades, não representa um conjunto uniforme, pois o Capitalismo produz objetos para cada um de seus compartimentos: objetos para a cozinha, objetos para os quartos, objetos para o banheiro, objetos para sala de estar. A relação com cada objeto representa uma ritualística, um universo de sociabilidade. Na nossa pesquisa não nos interessa nos remetermos a cada ritual e objetos específicos de cada

⁵ DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.p. 8.

compartimento. Por isso nossa análise se focará sobre a ritualística de interiorização, ou sociabilidades com os objetos da sala de estar.

Os objetos domésticos inseridos na sala de estar, das diferentes famílias fortalezenses, eram na sua maioria objetos luxuosos e elegantes, pois esse compartimento era o responsável por receber e acomodar as visitas. A sala de estar durante o período estudado era composta por sofás de jacarandá (madeira muito utilizada na época), cadeiras de palhinha para todos os convidados, mesa de centro revestida de mármore, escarradeira e logo na entrada se encontrava um cabide, no qual era utilizado para colocar os chapéus, as bengalas e os guarda-chuvas dos convidados. Os artefatos que constituíam a sala de estar tinham que transmitir, para os visitantes, a riqueza que os anfitriões possuíam, pois esses objetos também funcionavam como um diferenciador social. Era muito comum ver, através de leilões mostrados em periódicos, os objetos que estavam inseridos em uma sala de estar durante a segunda metade do século XIX:

Leilão de mobílias: constando sofás, cadeiras, consolos cobertos de mármore, mesa de meio de sala coberta de mármore, espelho grande, relógios, tapetes, escarradeiras, cômoda, banca de escrever, cadeira de dormir, mesa de jantar, aparadores, machina de costura e outros objetos de uso de casa.⁶

A mobília de uma sala de estar era arranjada tanto para fazer com que o proprietário tivesse uma boa acomodação, conforto, bem-estar como para demonstrar luxo e distinção social. Ou seja, substituir as antigas formas utilizadas durante o período colonial. A vontade de querer ultrapassar um tempo, tempo dos antigos, une conforto e distinção na criação de um novo mundo, ou nova visão de mundo, pois quando analisamos a disposição dos objetos nas casas durante a “Belle Epoque”, percebemos sua funcionalidade definindo uma sociedade.

Especificando nosso objeto de estudo, trabalhado nos capítulos, é a incorporação de uma cultura capitalista refletida em diferentes salas de estar, das famílias fortalezenses, com seus objetos domésticos. O recorte temporal se situa entre os anos de 1871 a 1910. Foi escolhido o ano de 1871 como recorte temporal inicial, pois foi exatamente nesse ano em que foi fundada em Fortaleza a Casa Comercial Francesa Boris Frères, filial, na Rua da Palma (atual Major Facundo). A casa comercial francesa Boris Frères já havia se instalado em

⁶ O Cearense. Anno XXII. 15 de julho de 1869. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

Fortaleza no ano de 1869 com o nome de Theodore Boris & Irmão, mas devido à guerra Franco-Prussiana os irmãos Boris tiveram que voltar ao seu país de origem. Assim nos conta o historiador Francisco Assis Sousa Mota:

Em 1869 os dois irmãos, oriundos da província francesa da Lorena, fundam em Fortaleza a casa de comércio Theodore Boris & Irmão.⁷

Devido à guerra franco-prussiana de 1870-71, Alphonse e Theodore retornam à França, e, juntamente com o irmão mais jovem, Isaie Boris, fundam em Paris a casa de comércio Boris Frères. Logo depois, Theodore e seus irmãos caçulas Achille e Adrien, retornam ao Ceará, instalando a Boris Frères, filial, à Rua da Palma (atual Major Facundo), no centro comercial de Fortaleza.⁸

O ano de 1910 foi escolhido como período final para a pesquisa em questão, pois foi exatamente nesse ano em que ocorreu uma suspensão das importações e que marca o início de uma década em declínio. Foi nessa década em que ocorreu a grande seca de 1915 e vários conflitos civis durante o governo Accioly. Não queremos dizer que a partir dessa data acabou ou entrou em profunda decadência a entrada de objetos importados através das casas comerciais e a compra desses pela sociedade, mas é notório que houve um declínio, comparado com os 20 últimos anos do século XIX. A própria história da casa comercial Boris, contada pelo historiador Francisco Assis Sousa Mota, nos afirma que o principal período de desenvolvimento da casa comercial foi durante os anos de 1878 a 1893 e que no ano de 1910 houve um declínio devido à suspensão da sua principal fonte de renda, ou seja, as importações:

A primeira fase de rápido crescimento dos negócios da casa Boris Frères, tomou impulso desenvolvimentista ainda maior, quando estabeleceu residência na capital cearense por quinze anos (1878-1893).⁹

...com a suspensão das importações (1910), que representavam uma das maiores fontes de renda da empresa, e das exportações (1920), advindas de crises regionais como as secas de 1888, 1891, 1898, 1900 e internacionais como a grande depressão de 1929...¹⁰

No que se refere à seca de 1915 e os conflitos civis durante o governo Accioly como um declínio das belas urbanizações da cidade de Fortaleza, podemos afirmar que junto com isso ocorreu uma queda na economia da província do Ceará. O próprio Sebastião Rogério

⁷ MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Boris e a Importância de seu Arquivo**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982. P. 12

⁸ Idem.

⁹ Idem, P. 14

¹⁰ Idem, p. 10.

Ponte ressaltava esses dois “acontecimentos” como marcos importantes para se entender essa queda da “modernização” e logo uma queda econômica que vinha ocorrendo em Fortaleza:

Se a irrupção da Primeira Guerra Mundial (1914-1915), dizimando populações e devastando cidades em proporções nunca vista antes, é considerado o marco que decreta o fim do modo de viver florido e eufórico que caracterizou a belle époque europeia, podemos também considerar que os graves conflitos de 1912-1914 em Fortaleza significaram o início do declínio da belle époque experimentada na capital. O pavor deixado pelas trincheiras, barricadas, saques, guerra civil e um sem-número de mortos, além das depredações, destruições e incêndios de ícones da modernidade detonados pela fúria avassaladora das massas, entranhou uma profunda apreensão no âmago das elites, arrefecendo a fruição entusiástica com os “belos tempos” até então vividos na cidade.¹¹

Em 1915, uma nova seca despejou milhares de “flagelados” na capital: o medo do contágio e do retorno de epidemias de impeliu o governo estadual criar, na periferia, um campo de concentração, cercado (por isso mesmo alcunhado de “Curral dos Bárbaros” por Rodolfo Teófilo) para isolar os retirantes e mantê-los distantes do perímetro urbano central.¹²

Então, é através das casas comerciais e da análise de algumas salas de visita das famílias fortalezenses que percebemos os objetos que estavam inseridos nesse compartimento doméstico da sociedade fortalezense. Analisamos a chegada desses artefatos importados, a comercialização, a utilização, e notamos como essa cultura capitalista foi cultivada em Fortaleza através de uma cultura material desses objetos e verificamos a fundo os aspectos morais, mentais, emocionais e culturais do Capitalismo na cidade de Fortaleza.

Com o objetivo de perceber a incorporação da esfera cultural do Capitalismo na cidade fortalezense através dos objetos domésticos da sala de visita, utilizaremos as seguintes fontes de estudo: inventários, periódicos e a literatura. A primeira devido à importância de saber quais objetos eram utilizados pelas famílias durante o período estudado, pois foi através desses inventários que notamos os valores, as funções e quais objetos estavam sendo utilizados no compartimento da sala de estar. A segunda, através dos anúncios, retrataremos as mercadorias que estavam sendo vendidas ou leiloadas nas casas comerciais estabelecidas na cidade. E através desta fonte perceberemos a origem desses objetos importados. A terceira é utilizada para perceber a ritualização das famílias com esses objetos e a utilização dessa literatura como um processo civilizador.

¹¹ PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.p. 184.

¹² Idem.

No primeiro capítulo identificaremos e relacionaremos as casas comerciais de origem estrangeira que se estabeleceram na cidade de Fortaleza, em especial a Boris Frères, pois esta teve uma atuação singular na vida econômica da província do Ceará, com a incorporação da sociedade cearense. Acreditamos que com a chegada dessas “firmas” ocorreu uma modificação no interior das salas de estar das famílias fortalezenses devido ao consumo de novos objetos importados. Com isso, modificou o cotidiano que nos dá indícios da influência da cultura capitalista no interior da casa.

Seguindo essa ideia realizamos pesquisas em periódicos da época com o intuito de sabermos quais eram as principais casas comerciais que se encontravam na parte dos anúncios desses jornais e que vendiam objetos importados.

No segundo capítulo mostraremos como as famílias consomem esses objetos da sala de estar que refletem a cultura capitalista. Procuraremos mostrar como era feito esse comércio da sociedade com as casas comerciais. Essa primeira parte possui uma singularidade na medida em que vai mostrar também as relações comerciais de objetos da sala de estar feito a partir dos leilões. Portanto o intuito da primeira parte deste capítulo é mostrar a obtenção dessas mobílias através de herança, leilões, compras de anúncios de jornais.

Em outra parte desse capítulo explanaremos quais os objetos da sala de estar refletiam essa cultura capitalista. Mostraremos fotos, imagens, nomes, o arranjo das mobílias, a origem desses artefatos e principalmente quais os móveis eram citados nos inventários das famílias do ceará. (Antônio Franco Rabelo, Thomas Pompeu de Souza Brazil, Maria Julia Alves de Amaral e José Correia do Amaral, Visconde e Vicondesa de Cahype, Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello e o Barão de Santo Amaro.)

No terceiro capítulo mostraremos a ritualística dos usos dos objetos da sala de estar. Através de suas funções vamos perceber a entrada da cultura capitalista no cotidiano das pessoas. É nessa parte que iremos salientar a importância da sala de estar como representante do local da casa onde é mostrado todo o poder dos anfitriões e são incorporadas novidades. Então utilizaremos esse capítulo para mostrar através da literatura cearense como um determinado objeto, sua função e repercussão sobre a sociedade determinava a inserção de famílias na cultura capitalista. Vale salientar que nesse capítulo também explanaremos a relação da literatura com a missão civilizadora e a relação desses autores naturalistas com esse processo civilizador vigente durante o período estudado.

Com isso, a principal fonte desse capítulo são as obras literárias cearenses que refletem o cotidiano da época. Alguns autores como Adolfo Caminha (a Normalista), Gustavo Barroso (A margem da história do Ceará) e Rodolfo Teófilo (Fome e Violação) retratam bem o cotidiano e a relação das pessoas com essas mobílias importadas.

Portanto, as transformações dos bens domésticos das salas de estar das residências da cidade de Fortaleza do período de 1871 a 1910 ocorreram devido à nova situação econômica que a província do Ceará experimentava, ao desenvolvimento e instalações de casas comerciais em fortaleza e aos padrões ditados pela cultura capitalista da Europa, uma transformação que vai modificando substancialmente aspectos variados da vida cotidiana de Fortaleza. Então como podemos ver houve uma entrada maciça do capitalismo na capital cearense durante essa época, mas não uma entrada apenas no âmbito econômico, mas também no âmbito cultural e no cotidiano das pessoas.

Capítulo 1 - “A Chegada de Uma Cultura”: transformações nas salas de visita das famílias fortalezenses.

1.1 A “Gênese” do comércio cearense.

Antes de falarmos sobre uma cultura capitalista em que a província do Ceará e especificamente a cidade de Fortaleza está se inserindo através de inúmeras casas comerciais estrangeiras que chegam, cada vez mais, no território cearense a partir da segunda metade do século XIX, é necessário fazermos uma análise sobre a gênese do comércio cearense e do crescimento capitalista no Ceará, ou seja, quando podemos considerar que teve início o comércio exportador e importador da capital e de toda a província.

O território cearense desde o princípio de sua descoberta já era desvalorizada e considerada inapta para a realização comercial. Esse território cearense era considerado um local inútil em que eram mandados para ele ciganos, aborígenes perseguidos, índios fugitivos e colonos transgressores das leis e da lealdade ao rei. A população cearense em sua maioria era formada por nativos que não possuíam interesse em um comércio direto com a Europa, já se satisfaziam com a realização de permutas estabelecidas com Pernambuco através dos mascates e ambulantes.

No decorrer do século XVIII e durante o início do século XIX vieram para o território cearense centenas de portugueses com suas famílias, todas essas vindas devido a problemas e atividades econômicas: emigração forçada pelas crises na produção de vinhos, possibilidade de ganhar dinheiro na região, heranças em território cearense e facilidade em obter emprego. Aos poucos com essa renovação populacional foi mudando a mentalidade da sociedade cearense, ou seja, a partir dessa renovação a sociedade buscava um interesse maior pelo comércio e outras atividades econômicas e com isso começara a fazer as seguintes reivindicações: autonomia administrativa (nesse período a capitania cearense era subordinada a Pernambuco), elevação da sede à categoria de cidade, criação do bispado próprio e comércio direto com o reino.

Outro fator específico importante para esse avanço do comércio cearense com a Europa foram as providências estabelecidas por Manuel Inácio de Sampaio, um espécie de administrador cearense durante o século XVIII, pois este administrador foi o principal responsável por realizar atividades econômicas com Portugal e com a Inglaterra. Assim nos

mostra o autor Geraldo da Silva Nobre em uma notícia retirada do periódico cearense “O Comercial”:

Ele não é novo, o governador Manuel Inácio de Sampaio, há talvez 40 anos, o considerou atentamente; e na compreensão da vasta inteligência desse homem de alto tino governativo entraram ardentes desejos de o levar a efeito; e então aqui, na capital, havia apenas uma só casa de negócios de mais grosso trato, a do capitão-mor L. da C. Dourado, que, nessas vistas do governador, passou a estabelecer transações comerciais em direitura para a Europa, na praça de Lisboa.¹³

Além dessas mudanças específicas ao território cearense, fazendo com que essa região desse início às suas atividades comerciais de importação e exportação, também é possível perceber acontecimentos que durante esse período marcavam o resto do Brasil e o mundo. Acontecimentos estes que também vão ser responsáveis por aumentar as atividades comerciais no território cearense e fazer com que essa região participe de uma expansão capitalista no mundo todo durante o século XVIII e XIX.

Segundo a maioria dos autores cearenses, só podemos falar de comércio no Ceará a partir do século XIX, pois durante quase todo o século XVIII o território cearense era subjugado por Pernambuco e ainda era capitania de uma colônia que não podia realizar comércio a não ser com a metrópole lusitana. Então no final do século XVIII o Ceará se torna independente de Pernambuco e no ano de 1808 devido à abertura dos portos às nações amigas o comércio em todo o Brasil passou por um desenvolvimento enorme e no estado do Ceará não iria ser diferente.

No início do século XIX o comércio cearense estava sob o domínio dos portugueses, mas no decorrer do mesmo, devido ao tratado de 1810 com a Inglaterra, os ingleses começaram a realizar comércio com o Ceará e depois franceses, alemães, suíços e outros países europeus também aderiram a essas realizações comerciais. Então as terras alencarinas se iniciam nesse comércio internacional a partir do século XIX por conta dessa abertura dos portos às nações amigas e o tratado de comércio de 1810 com a Inglaterra e esse último talvez o principal responsável pelo primeiro navio inglês a aportar no estado do Ceará como nos mostra Barão de Studart :

Em 1811 o porto de Fortaleza foi visitado apenas por um navio o Sophia e Bertha, de nacionalidade inglesa. Nesse bergantim veio o irlandês Wililium Ware, o

¹³ NOBRE. Geraldo da Silva. **Associação Comercial do Ceará**. Ceará. Ed. Stylus, 1991. p. 11.

fundador da primeira casa estrangeira de comércio direto estabelecida no Ceará. Essa casa, Casa Inglesa, como sempre lhe chamou o povo, estendeu-se até os nossos dias, sendo a última das firmas que a representaram, a de salgado e Rogers, sucessora de Holderness e Salgado.¹⁴

Na província do Ceará percebemos a entrada do capitalismo durante todo o século XIX, pois foi nesse período, com a chegada da Família Real Portuguesa, que se dava o fim do exclusivismo metropolitano, levando com isso a formação de um estado nacional e o incentivo de uma produção local não só no estado cearense, mas sim em todo o Brasil. É durante esse século que podemos perceber inúmeras características de um capitalismo no estado cearense. Essas características estavam relacionadas com a queda do regime colonial escravista que aos poucos não estava dando mais lucros como antigamente.

É necessário percebemos aqui alguns acontecimentos que caracterizam e que afirmam a existência de um capitalismo tanto no Brasil como no estado cearense durante o século XIX. O que nos faz pensar na existência desse modo de produção nas terras alencarinas durante o século XIX é justamente a liberdade de produção industrial e de comércio com países estrangeiros que não seja apenas Portugal. Essa liberdade comercial é notável quando notamos a chegada de casas comerciais estrangeiras no estado cearense, foco do nosso estudo. Outra característica presente nessa região do Nordeste é a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado. São diversos os motivos por essa substituição de mão de obra. Ela ocorreu devido a inúmeros gastos e fiscalizações referentes aos escravos, pois existiam mais gastos com vigilância em relação aos escravos. A construção de estradas de ferro para ligar o comércio do litoral ao interior do estado também é visto como o símbolo desse capitalismo, que só crescia cada vez mais no estado, pois é ela que dá uma alavancada na indústria e estimula a acumulação e o crescimento do comércio.

As estradas de ferro que se instalaram no Brasil no início do século XIX têm como principal símbolo a modernidade e o capitalismo. Esses trens junto com as ferrovias, além de levarem mercadorias, também traziam com eles o progresso, o conforto e uma mensagem de “civilização”. A construção dessas ferrovias era a prova viva da travessia do capitalismo pelo atlântico e chegando no Brasil. É o marco da expansão capitalista além da Europa, chegando ao Brasil e até mesmo ao litoral e ao interior do território cearense. Essas ferrovias, em sua

¹⁴ Op. Cit. p. 25.

maioria financiadas pelo capital inglês, integrava o interior dos países e colônias à economia colonial, barateava o custo de produção dos alimentos e matérias-primas exportadas para a Inglaterra, ampliava as escalas de produção, permitia a mobilização de maiores excedentes para o comércio internacional, criava mercados para a crescente exportação britânica, especialmente de bens de capital. Portanto, é através da chegada de casas comerciais, da passagem do trabalho escravo para o assalariado, das construções de estradas de ferro e da inserção do navio a vapor que percebemos o estado cearense se inserindo nessa cultura capitalista.

Durante o século XIX realmente a economia do estado do Ceará se desenvolveu bastante devido a vários motivos, sendo que o principal foi o aumento da sua produção e venda algodoeira, já que o seu principal concorrente os Estados Unidos da América estavam envolvidos na Guerra de Secessão. Principalmente a partir de 1860, quando notamos Fortaleza se tornar a capital do estado e com isso vem um grande desenvolvimento capitalista para a mesma, desenvolvimento no sentido urbanístico, embelezamento da cidade, no sentido econômico, construções de varias linhas férreas para ligar a economia da capital com outros “polos industriais do estado” e a chegada de várias casas comerciais estrangeiras no estado que vão dar uma modificação econômica e cultural. Muitos são as fontes que nos mostram a chegada cronologicamente de inúmeras casas comerciais no estado do Ceará:

Dentre esses últimos, sobressaíram-se primeiramente os ingleses, representados pela firma Singlehurst & Cia., com sede em Liverpool, porém com uma sucursal na capital cearense, gerenciada por John Mackee, desde o ano de 1835. Da mesma procedência, eram os titulares de Corlett & Cia., cujo estabelecimento não teve o mesmo êxito e duração daquele.¹⁵

Salientaram-se, depois, os franceses, radicanando-se, em 1842, em Fortaleza, Henri Cals, cujo nome está perpetuado na descendência que deixou, hoje completamente integrada na família cearense. Eram seus companheiros Henri François Gollignac e Pierre Hipolitte Girard, este um dos pioneiros da hotelaria na capital cearense. Mas, os irmãos Boris, fundando, em 1869, o seu estabelecimento, tornaram-se nos fins do século, os comerciantes estrangeiros de maior ascendência na vida econômica e, até mesmo, política, do Ceará.¹⁶

¹⁵ Op. Cit. p. 27.

¹⁶ Idem.

Essas casas comerciais, no decorrer da segunda metade do século XIX, eram principalmente de origem francesa, inglesa, suíça e alemã. Contabilizavam em 353 estabelecimentos comerciais na cidade de Fortaleza durante esse período estudado, desse número 84 eram estrangeiras, nos mostrando uma grande quantidade de “firmas” estrangeiras, percebendo que fazia pouco tempo da abertura dos portos, que vão vender inúmeros e diversos tipos de produtos internacionais na capital cearense e influenciar culturalmente a população. Os tipos de casas comerciais e produtos vendidos por esses estabelecimentos eram diversos: produtos de primeira necessidade, oficinas de sapateiros, alfaiates, ourives e funileiros, comércio de sapatos, roupas, fazendas, armazéns, açougues, boticas de medicamentos, fábricas de sabão, selas, charutos e chapéus.

Então é fácil verificar essa cultura capitalista entrando na cidade de Fortaleza e nas casas das famílias e quando falamos entrando, e ao mesmo tempo a população se inserindo nessa cultura, tratamos de uma modificação nas diversas esferas das residências e no cotidiano das pessoas, já que vai ocorrer a produção, venda e consumo de produtos estrangeiros de diversos tipos, ou seja, mercadorias que vão desde objetos da sala de visita até artefatos da cozinha.

Devido ao crescimento econômico e comercial na cidade de Fortaleza e em todo o país durante o século XIX e percebendo que o comércio é uma atividade intensa, complexa e circulatória que não pode ocorrer uma paralisação, foi proposto, em algumas cidades do Brasil, a criação de uma associação que controlasse e organizasse todas as “firmas” comerciais de determinada cidade. Diversas foram essas associações comerciais que surgiram no Brasil principalmente nas regiões nordeste e sudeste e não só com o objetivo de resolver problemas econômicos dos estabelecimentos inseridos nela, mas também com o intuito de resolver os problemas sociais que viessem a ocorrer nas cidades ou regiões que essas estivessem instaladas. Um bom exemplo é da Associação Comercial do Ceará que por diversas vezes tentou resolver o problema da seca na região e ajudou os retirantes que vinham para a capital durante esse fenômeno climático.

No Brasil, antes de surgir essa associação no Ceará existiam outras seis associações com os mesmos objetivos nos seguintes estados ou cidades: São Luís, Rio de Janeiro, Belém, Bahia, Pernambuco e Porto Alegre. A Associação Comercial do Ceará foi a sétima no país a ser criada. Portanto a Associação Comercial do Ceará, criada no dia 13 de 1866, teve uma grande importância tanto no estado como no país todo, na medida em que foi uma das

principais responsáveis pela fundação da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil, tendo como principais representantes ingleses e franceses, fato fundamental para a influência estrangeira na capital cearense.

Os objetivos da Associação Comercial do Ceará eram inúmeros, iam desde serviços básicos da própria, como elaboração de lista de gêneros de exportação remetida aos jornais para publicação e intercâmbios e informações com outras associações comerciais do país, até a tentativa de resoluções de problemas econômicos e sociais. Essa associação se preocupava em realizar a abertura de estradas que fizesse uma conexão comercial entre interior e litoral, a instalação de uma filial do Banco do Brasil para financiamentos da produção e ao comércio, desejava a construção de uma empresa de navegação própria para o Ceará para deixar de ser dependente do Maranhão e de Pernambuco; a construção de um cais em Fortaleza e a proteção do ancoradouro de Aracati, a construções de açudes tentando resolver os problemas da seca e entre outras medidas que sempre tiveram o objetivo de sensibilizar os governantes para que melhorasse cada vez mais a província cearense.

Essa associação tinha uma enorme preocupação em garantir um desenvolvimento comercial para o Estado do Ceará e um desenvolvimento que estivesse relacionado com os estrangeiros europeus, tanto que as principais medidas econômicas sempre estavam no âmbito de modificar e garantir o comércio com os países estrangeiros. Então tentando garantir esse desenvolvimento da província a ACC durante a segunda metade do século XIX tinha três objetivos principais: construções de estradas para garantir que os produtos de caráter exportador chegassem a Fortaleza, já que era a única cidade que possuía um porto bem preparado; melhoramento do porto de Fortaleza para fluir as transições das mercadorias com os estrangeiros e instalação de um banco para atender as necessidades de créditos.

O comércio cearense só vinha crescendo cada vez mais durante a segunda metade do século XIX, como já vimos no presente trabalho, devido tanto à criação de um órgão (ACC) que estava garantindo a organização e a estimulação desse comércio de manufaturados e matérias primas da cidade de Fortaleza com países estrangeiros como também da capital com vários pontos comerciais do interior, do próprio estado com outros estados do Brasil. Além da ACC outro motivo desse crescimento comercial da capital cearense deve-se à chegada de inúmeras casas comerciais durante a segunda metade do século XIX, pois contabilizava ao todo 84 estabelecimentos estrangeiros com filiais de empresas que existiam em seu país. Dessas 84 “firmas” a maioria eram inglesas e francesas, sendo que a primeira era responsável

por produtos industrializados e manufaturados enquanto as empresas francesas estavam responsáveis por garantir a importação de artigos de luxo e estes por sua vez vão acabar influenciando muito na maneira de se vestir, de comer, de andar, de se comportar à mesa, de receber uma visita em sua residência, de dormir, de cozinhar e de beber, ou seja, modificações em todos os aspectos culturais no estado cearense.

Entre essas casas comerciais citadas e discutidas em torno do presente trabalho, nos detemos em apenas uma com o objetivo de entender através dela, tanto suas especificidades como também as características das outras casas comerciais existentes durante o período em foco. Pensando nisso analisaremos no próximo subcapítulo a história e a importância da casa comercial francesa Boris Frères, estabelecida pela primeira vez aqui em Fortaleza no ano de 1869, para o comércio, economia e influência estrangeira na cidade de cearense.

1.2 O “Capitalismo Atravessa o Atlântico”: A instalação da Casa Comercial Boris Frères em Fortaleza.

Nessa parte do primeiro capítulo acreditamos ser necessário falarmos da história e da importância da Boris Frères no cenário comercial de Fortaleza durante o período estudado, já que essa era responsável por transações comerciais da capital cearense com países europeus e norte-americanos, ela importava muitos artigos de luxo franceses como também exportava matéria-prima do estado do Ceará. Além desse comércio com outros países, essa casa comercial realizava o comércio com atacadistas do interior cearense.

Através dessa casa comercial percebemos uma grande influência de uma cultura capitalista europeia nas cidades cearenses, uma cultura passada através de objetos domésticos que a sociedade alencarina tenta a qualquer custo se inserir nela, sendo através do consumo de objetos domésticos como também na mudança de hábitos e costumes no cotidiano. No entanto, antes de adentrarmos a essa casa comercial francesa é necessário realizarmos um breve comentário de como estava ocorrendo o comércio dos países europeus com o Brasil durante o período em foco.

Devido às grandes transformações tecnológicas que ocorriam na Europa durante os séculos XVIII e XIX, como aperfeiçoamento das navegações, surgimento do navio a vapor, construções de inúmeras ferrovias para o transporte de mercadorias e a invenção do telégrafo,

que deu uma velocidade no processo de comunicação entre territórios distantes, verificamos um aumento no comércio dos países europeus com o exterior. A intensificação das produções exigia mercados cada vez mais amplos. Dos países europeus que mais fizeram relações comerciais com o Brasil, durante o Século XIX, foram a Inglaterra e a França. O primeiro através das exportações de produtos industrializados e o segundo nas exportações de manufaturas de luxo e decoração.

A relação comercial francesa com os estados brasileiros se deu quase que totalmente durante a maior parte do século XIX e adquiriu uma pequena estagnação nas primeiras décadas do século XX. Essa alavancada do comércio francês com as terras brasileiras se deu devido às mudanças econômicas que estavam ocorrendo no próprio território europeu, já que houve um crescimento econômico na França durante o 2º Império. O motivo da queda das relações comerciais entre esses dois países, durante o começo do século XX, se deu por conta da grande concorrência com outros países, principalmente os Estados Unidos, que vinham cada vez mais crescendo economicamente e também fazendo uma expansão comercial na região brasileira.

O aumento do comércio Francês com o Brasil, durante o período estudado, aconteceu primeiramente através da vinda de representantes consulares franceses para analisar a região e o comércio brasileiro. No decorrer desse período foram se instalando consulados permanentes nas principais cidades brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro e Recife) e nas outras que estavam próximas dessas (Ceará, Piauí, Minas Geais etc.). Esses agentes consulares na maioria das vezes possuíam um caráter honorífico e faziam parte da elite das cidades que estavam alojados. Eles tinham a responsabilidade tanto de realizar transações comerciais como também de enviar informações sobre o Brasil para a França.

Na província cearense não foi diferente do resto das outras, já que nessa, primeiramente foi constituído um agente consular na cidade de Aracati, responsável por levar informações sobre todo o estado para a França e logo no final do século XIX já era fácil notar agentes consulares de vários países europeus. Assim nos diz Denise Monteiro Takeya em sua obra:

A província do Ceará é exemplar sobre a questão da expansão da representação consular acompanhado a expansão econômica, assim como sobre o exercício dos cargos de representação por comerciantes franceses. Se em 1876 havia um único agente consular nessa província, na cidade de Aracati – um comerciante representante da Espanha –, ao inaugurar-se a república, em 1889, o Ceará contava com cônsules, vice-cônsules e agentes consulares da França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bélgica, Holanda, Espanha, Itália, Portugal,

Rússia, Suécia, Noruega, Áustria, Hungria, Dinamarca, Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela, Bolívia, Paraguai e Peru.¹⁷

A principal representação consular francesa na província cearense ocorreu no ano de 1884, com a família de comerciantes franceses Boris, pois além de possuírem uma casa comercial na região também se tornaram agentes consulares até 1925. Através dessas informações é que percebemos a importância dessa família e de suas relações comerciais com o estado cearense.

Antes de ser instalada uma filial da casa Boris Frères (matriz na França) em Fortaleza no ano de 1871, houve uma tentativa de estabelecimento da própria matriz dessa casa comercial na mesma cidade durante o ano de 1869. Nesse ano os irmãos Alphonse e Theodore fundaram na cidade a casa comercial Theodore Boris & Irmão, mas um ano depois da fundação os irmãos tiveram que voltar para a França devido ao conflito franco-alemão de 1870. Chegando à França juntos com seu terceiro irmão, Isaie Boris, em 1871, fundaram a firma Boris Frères matriz e depois voltando a Fortaleza no mesmo ano é fundada a Boris Frères filial. Nesses primeiros anos do estabelecimento a casa comercial se destacou no comércio de importação fazendo a entrada dos seguintes produtos: tecidos, roupas, perfumarias, artigos de decoração, mobílias, papelaria e material para escritório, maquinaria, material fixo e rodante para estrada de ferro, cimento, carvão, madeira de obras, gêneros alimentícios, estrutura de ferro fundido.

Seguindo a ideia da importância da presença de estrangeiros na cidade de Fortaleza, para a expansão do capitalismo e a inserção da capital cearense na Cultura Capitalista, vale salientar os tipos de estrangeiros que chegavam a Fortaleza durante todo o século XIX, pois existiam os que vinham para fazer pesquisas sobre a fauna e a flora do estado cearense, chegavam engenheiros preocupados em resolver os problemas da seca no Ceará, principalmente durante o período da seca dos anos de 1877, 1878 e 1879, estrangeiros à procura de trabalho e outros que aportavam em Fortaleza com o intuito de estabelecer uma casa comercial. Sobre os primeiros estrangeiros citados, o historiador Barão de Studart fez um levantamento desses e suas pesquisas em território cearense no seu livro intitulado “Estrangeiros no Ceará”. Dessa sua obra é válido ressaltar dois estrangeiros que chegaram aqui com o intuito de fazer pesquisa sobre o estado:

¹⁷TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: Origens do capital estrangeiro no Brasil**. NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995, p. 42

Jules Jean Bevy: Engenheiro inglês chegado aqui em 1880 visitou Lavras e esteve a fazer estudos sobre o melhor local para a construção de um grande reservatório de água, sendo fruto desses estudos o trabalho, que apresentou sob o título Relatório da Comissão de Açudes sobre o Reservatório de Lavras, apresentado ao Sr. Ministro da agricultura, Manoel Buarque de Macêdo, 1881.¹⁸

Arcadio Dorme: No museu de história natural de Paris há mais de 200 insectos classificados e enviados pelo naturalista Pe Arcadio Dorme. A maioria desses insectos são de Minas mas a vários do Ceará, e outros da Bahia. Escreveu varias monografias sobre os insectos do Brasil, publicadas em revistas francesas.¹⁹

O surgimento da Casa Boris Frères está inserido através desses estrangeiros que vieram para o estado do Ceará, não para fazerem pesquisa sobre a região, mas sim para instalar uma casa comercial que ficasse responsável por estabelecer o comércio entre o estado e os países estrangeiros, principalmente a França. É fácil notar que esses estrangeiros comerciantes tiveram uma vantagem econômica em relação aos primeiros estrangeiros pesquisadores, já que durante esse período estudado o estado do Ceará estava propício para as relações comerciais devido principalmente a uma evolução na produção da cotonicultura. Especificando os comerciantes da Casa Boris, estrangeiros vindos da região francesa chamada Alsácia-Lorena, esta região que durante as décadas de 1860 e 1870 só crescia cada vez mais o comércio, ou seja, esses mercadores que se desenvolviam economicamente no nordeste da França foram os mesmos que instauraram filias de casas comerciais em todo o continente americano.

Portanto, essa relação comercial massiva entre Europa e Brasil pode ser observada durante toda a segunda metade do século XIX, relação esta construída por estrangeiros que já faziam parte de um grande comércio europeu e que decidiram expandir essa economia para o novo mundo, especificamente a Casa Boris Frères, esta que foi orientada por “comissários” acabaram apostando no estado do Ceará para a realização dessa economia de exportação e importação por conta do desenvolvimento da produção algodoeira e a necessidade que a sociedade cearense possuía de uma casa que importasse artigos franceses para dentro das residências das famílias.

A partir da década de 70 ocorreu uma maior atuação da Casa Boris na Província do Ceará devido a vários comissários informarem aos comerciantes franceses as vantagens de se estabelecer um comércio na província cearense. A escolha dessa região para a instalação de uma filial foi devida-se à pouca concorrência que ela iria obter se aqui se instalasse, pois

¹⁸ STUART. Barão de. Revista do Instituto do Ceará. Anno XXXII – 1918, Artigo: **Os estrangeiros e o Ceará**, p 221

¹⁹ Op. Cit.

durante esse período, comparada com as outras regiões do Brasil, a região cearense possuía poucas casas estrangeiras. Outra especificidade da Casa Boris, que lhe gerou uma grande vantagem para seu desenvolvimento na região foi a escolha da capital cearense para se instalar, com isso, faz diferente da maioria das firmas estrangeiras que preferiam a cidade de Aracati, já que essa cidade ainda era um pólo comercial importante devido à produção algodoeira, o comércio de couro, cera e palha de carnaúba.

A escolha da capital para a instalação ocorreu também como vantagem, por Fortaleza ser um pólo centralizador do comércio do estado, pois ocorria ligação comercial com as regiões do norte, sul e oeste do estado através das estradas de ferro, que aos poucos estavam sendo construídas na região. Através dessa instalação definitiva da Boris no estado durante a década de 70 vamos perceber uma maior atuação da Casa Boris no que se refere à sua expansão comercial em todo o estado do Ceará. Observando melhor o processo do comércio da Casa comercial vamos perceber que durante esse período existiam dois pólos econômicos desse processo: um era em Paris e o outro nas vilas interioranas do estado cearense. Nas décadas de 70 e 80 a Boris mantinha relações comerciais com Acaraú, Iguatu, Aracati, Ibiapina entre outras cidades cearenses. Esse comércio acontecia através da importação de produtos estrangeiros de luxo comprados pelas cidades interioranas e em troca ocorria a exportação de matéria prima.

Inúmeros eram os produtos que eram importados da Europa e tinha destino ao consumo da província, embora a Casa Comercial Boris Frères fosse de origem francesa ela acabava se diversificando e comercializava produtos que possuíam a origem de outros países europeus. Entre esses produtos importados para a província cearense a prioridade era por tecidos de origem inglesa e de preferência fino e mais barato para o consumo popular. Logo após os tecidos as outras mercadorias mais comercializadas eram artigos de luxo franceses, como peças de vestuário (camisas, lenços, chapéus, botinas francesas, leques, luvas etc.), perfumaria, objetos de decoração (vidrarias), vinhos, conservas, manteiga, drogas, artigos de armarinho e papelarias.

É fácil perceber que a sociedade cearense possuía uma necessidade de consumir artigos de luxo franceses, artigos que vão lhe dar status social, ou seja, cada vez mais percebemos a vontade que a população de uma determinada província do Brasil tem em querer se inserir em uma cultura europeia, produzida através do capital, através do consumo e uso de objetos de luxo.

A casa Boris Frères conseguiu realizar muito bem e associar a importação e a exportação, pois existia uma duplicidade nos negócios e não uma predominância de um sobre

o outro. Ao contrário, é fácil notar que as importações e as exportações estiveram muito bem articuladas principalmente quando nos referimos à exportação de algodão cearense e à importação de tecidos europeus produzidos com esse próprio algodão da província. A exportação de matérias primas para a Europa também era muito grande, em primeiro lugar dos produtos exportados estava o algodão, em segundo lugar encontrava-se o comércio do couro e em terceiro as penas de ema, as quais eram utilizadas para a produção de artigos de decoração e vestuário Francês.

Como já vimos, a importação de produtos estrangeiros na província do Ceará acontecia na seguinte maneira: os produtos eram chegados primeiro na capital e, depois, através de transportes terrestres, eram comercializados com estabelecimentos do interior cearense. Depois de Fortaleza as mercadorias eram direcionadas ao porto do Aracati e também para o porto de Acaraú para só depois interiorizar na província. A interiorização do comércio se deu por meio de transporte terrestre, por isso durante esse período o governo cearense tentou abrir inúmeras estradas e construir várias estradas de ferro para facilitar essa atividade, embora continuasse a predominância de as mercadorias serem transportadas por carros de boi. O comércio terrestre era muito dificultoso devido às longas distâncias, à precariedade dos meios de transportes e a lentidão das comunicações.

Portanto, a Casa Comercial Boris Frères teve uma grande importância no comércio cearense durante a segunda metade do século XIX, pois era a principal responsável por importar produtos europeus e exportar produtos do interior cearense, além de ter várias atribuições sociais, políticas e econômicas em relação ao estado cearense. Essa casa comercial demonstrou muito bem, através de suas importações, o desejo que a população possuía por produtos europeus e principalmente artigos de luxo, ou seja, é notável uma vontade de se inserir em uma cultura capitalista a qualquer custo.

1.3. O “Gosto Burguês de Morar”: Transformações, Modernidade e Refinamento na Sala de Visita.

Nesse terceiro subtítulo, acreditamos ser necessário analisarmos como a sala de visita entrou em transformação através da chegada das casas comerciais que trouxeram consigo inúmeros objetos importados da Europa; como esse compartimento da casa representa a inserção de Fortaleza em uma cultura capitalista. Mas antes de falarmos especificamente da

sala de visita, acreditamos ser necessário fazer um breve comentário sobre a constituição da casa toda e suas complexidades.

A casa além de ser um objeto físico e concreto destinado a moradia, ela também se revela através da cultura material pelos seus móveis, cor das paredes, nos objetos de decoração e com isso acaba mostrando de certa maneira a personalidade e a maneira de ser dos seus habitantes. É essa moradia que vai desvendar as manifestações cotidianas, os costumes de seus residentes, a maneira como os residentes dormem, comem, nascem, se vestem e todas as outras cenas da vida privada das pessoas. A residência familiar, durante o passar do tempo, acabou se transformando em um espaço destinado ao íntimo, no qual o homem desenvolve uma série de atividades relacionadas à sobrevivência e à manutenção do corpo e do espírito. Portanto, essa casa da modernidade deixou de ser somente um abrigo e passou a ser uma representação do estilo de vida de uma sociedade capitalista, pois esse estabelecimento demonstra cada vez mais uma característica principal do Capitalismo que é a individualidade. Característica essa que percebemos nas moradias através da busca das famílias pela privacidade, conforto, necessidade de separação entre o público e o privado e o isolamento.

Durante o século XVIII e XIX as habitações burguesas sofreram um processo de compartimentação do espaço doméstico, ou seja, é notório verificarmos que durante esse período estudado surgiram nas habitações quartos separados para pais e filhos, demarcações entre os locais onde se cozinhou e o local onde se comiam. Essas transformações modificaram a casa tanto no âmbito arquitetônico como também na utilização de mobílias. É esse gosto burguês europeu de morar que vai atravessar o Atlântico, através dos meios de comunicações existentes na época, dos viajantes estrangeiros que habitavam no Brasil e também pelas casas comerciais que faziam residências no nosso território, e entrar nas habitações das famílias brasileiras.

A elite brasileira (inclusive a cearense) passou a orienta-se, cada vez mais, pelas práticas e comportamentos da burguesia europeia, industrializada, comerciante e tecnologicamente desenvolvida, vinculando-se culturalmente à França, à Inglaterra e à Alemanha. O processo de influência europeia no Brasil ocorreu em dois momentos: no primeiro momento o Brasil foi bastante influenciado pela cultura ibérica, esse processo vai até a metade do século XIX. No segundo momento o Brasil vai sofrer uma reeuropeização por conta da influência da Inglaterra, da França e da Alemanha, esse segundo processo vai se

prolongar até o final da escravidão e o fim do Império. O autor Brásílio Sallum Jr. faz um breve comentário na obra “Introdução ao Brasil. Um banquete nos trópicos.” Sobre essa questão de reeuropeização utilizada por Gilberto Freyre em “Sobrados e Mucambos”:

As condições da colônia portuguesa eram tão exóticas, do ponto de vista da civilização europeia que se estava formando no século XIX – civilização industrial, comercial, mecânica, burguesa –, que a renovação do contato da Europa não-ibérica com o Brasil, depois da chegada de D. João VI, teve um caráter de reeuropeização, de reconquista para o ocidente.²⁰

O ponto central aqui é que, para Gilberto Freyre, essa reeuropeização impôs, este é o termo que usa, uma série de atitudes morais e padrões de vida que, espontaneamente, não teriam sido adotados pelos brasileiros. Isso significa que, para ele, as mudanças sociais ocorridas no sistema patriarcal no século XIX não podem ser atribuídas apenas a diferenciação interna do sistema econômico e social, mas também a impulsos transformadores vindos de fora, da Europa que se aburguesava e se industrializava.²¹

É precisamente nesse segundo período de influência europeia durante o final do século XIX que vamos notar a modificação nas mobílias das residências brasileiras. Essa mobília cada vez mais possuía um estilo europeu, inicialmente importada, com o passar do tempo foram pegando uma forma brasileira. Vemos a utilização de móveis mais modernos, buscando adaptá-los aos nossos costumes e ao nosso clima. Os estilos dessas mobílias auxiliaram na construção de uma imagem de sobriedade e frescor, representando o gosto europeu abrigado. Esse abrigamento ocorrido na mobília estrangeira é bem relatado na obra “Ingleses no Brasil” do autor Gilberto Freyre:

Essas linhas anglicanamente secas de móvel aparecido no Brasil no tempo de Dom João regente, diz-nos o Sr. Ribeiro de Lessa que com “o tempo e o capricho dos marceneiros” foram por aqui se modificando. É assim que “os mestres brasileiros foram se abrindo, ao longo dos contornos dos móveis, cordões semicilíndricos, e nos cantos, quadrículas piramidadas”. A Inglaterra modificando-se no Brasil. O estilo inglês de móvel arredondando-se no clima brasileiro. Vários dos “móveis ingleses” que apareceram nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX talvez fossem já fabricados aqui, tendo de inglês apenas o estilo. E este modificado pelo “capricho dos marceneiros”, quase todos, naqueles dias, mulatos ou franceses, inimigos das linhas secas e amigos das curvas femininamente graciosas ou barrocas.²²

²⁰ MOTA, Lourenço Dantas (organizador). **Introdução ao Brasil**. Um banquete no trópico. 3º Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001, p. 347.

²¹ Op. Cit.

²² FREIRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Tabooks, 2001. p. 228)

Nas moradias brasileiras do século XIX identificamos a existência de três espaços distintos para a execução das atividades familiares. Uma parte da casa destinava-se ao convívio com pessoas não pertencentes à família, eram os espaços públicos, salas de visita, de jantar, a sala de música, de jogos, a varanda, o alpendre, os oratórios e escritórios poderiam ser classificados como um espaço situado entre o público e o privado. O quarto de dormir e as alcovas eram destinados à intimidade. O terceiro ambiente era destinado às atividades cotidianas e de funcionamento do lar e compreendia os quartos de costura, salas de almoço e cozinha, espaços de concentração dos trabalhos caseiros, a costura e a culinária.

Dentro desses três espaços distintos da casa estava a fonte de nosso estudo, ou seja, a sala de visita, o compartimento da casa que é responsável pela ligação entre dois lugares tão antagônicos, que são a casa e a rua. Esse compartimento não representa apenas um espaço geográfico, mas sim uma esfera social, cultural e econômica de uma família, ou até mesmo de uma sociedade. Os objetos inseridos numa sala de estar nos permitem um estudo de uma cultura material capaz de nos mostrar relações sociais, estilos de vida, diferenciações sociais e o tipo de cultura que está inserida nas casas cearenses daquela época. Esse compartimento da casa é um ambiente que muito se apresenta como cartão de visitas da casa. É o lugar onde se procura fazer uma decoração atrativa e sofisticada, expondo móveis e objetos de forma que demonstrem a distinção da riqueza familiar. Este cômodo se comunica com quase todos os outros locais da casa e é um local de recepção e lazer.

As mudanças ocorridas no ambiente doméstico fortalezense durante a expansão do capitalismo, ocorrida principalmente na metade do século XIX, se refletiam em muitos locais das residências, mas a sala de visita representa o “coração” do lar, o lugar que distinguia a riqueza familiar. Por ser um espaço constantemente arrumado, limpo, decorado e cuidado, fazemos da sala o principal marco para entendermos a inserção de fortaleza em uma cultura capitalista que tinha como característica um modo de vida “moderno”.

A transformação dos bens domésticos das casas cearenses do período de 1871 a 1910 ocorre devido à situação econômica pela qual o estado passava e aos padrões ditados pela cultura capitalista da Europa e dos Estados Unidos. Essa “civilização” transmitida dos países europeus para as cidades do Ceará através dos produtos de bens de consumo poderia ser vista nos periódicos da época como este anúncio do jornal “O Cearense” de 1865: “Nesta

typographia se dirá quem vende uma cama á francesa, um guarda roupa e uma meza de jantar toda em perfeito estado”.²³

No mesmo jornal podemos ver mais anúncio de vendas de produtos europeus: “Cadeiras Inglezas: No armazém de Francisco Coelho da Fonseca Filho tem a venda cadeiras para menos que em outra qualquer parte.”²⁴ Como podemos ver, ocorre uma grande influência europeia nos produtos de bens de consumo das casas cearenses.

A bela época iniciada em fortaleza no ano de 1860, responsável pela urbanização da cidade no estilo europeu e pela mudança nos hábitos e costumes da população, fez com que ocorresse na cidade de Fortaleza um afrancesamento, essa urbanização não se restringiu apenas nos hábitos e costumes, pois podemos notar uma mudança nas mobílias das casas cearenses, nos arranjos dos objetos, nos cômodos e até mesmo nas arquiteturas das casas.

A mobília de uma casa é arranjada tanto no aspecto de fazer com que o proprietário tenha uma boa acomodação e também no aspecto de demonstrar luxo, ou seja, transmitir certa hierarquia social. A vontade de querer, cada vez mais, juntar esses dois aspectos fez com que o arranjo dos objetos se modificasse com o passar do tempo, pois veremos que no passado os objetos dos cômodos das casas tinham um caráter mais funcional e bem definido.

No ano de 1860, com a grande produção algodoeira no Ceará, a Província passou a investir no processo de remodelação de sua capital. Essa remodelação baseada nos padrões europeus, principalmente oriundos da França, se inseria na reforma de praças, reconstrução de ruas, construções de obras públicas. Esse processo civilizatório podia ser visto no interior das casas da população, desde a construção dessas casas até os objetos dela, ou seja, afetou profundamente o cotidiano da população. Olhando um leilão de mobília postado em um anúncio de um periódico da época podemos ver as mobílias utilizadas naquele período:

Leilão de mobília, constando de uma boa cama de jacarandá, 1 divan, 1 guarda louça, porção de cadeiras, 1 louçador com espelho, 1 relógio de metal com manga para cima de meza, espelhos, louças e outros objetos que se venderão sem reserva de preço.²⁵

No decorrer da década de 1860 verificamos através dos anúncios de vários periódicos que há um grande crescimento de aluguéis e leilões de mobílias no estado do ceará:

²³ O Cearense. Anno XIX. Nº1802, 18 de março de 1866. pg 04.

²⁴ O Cearense. Anno XXI. Nº2412, 18 de setembro de 1867. p. 04. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

²⁵ O Cearense. Anno XXII. 14 de julho de 1868. pg 03. Op. Cit.

Leilão de mobílias:

Constando consolos, cadeiras, mesa redonda e outras para escriptorio, para jantar e menores estantes, porção de livros, guarda-roupa, espelhos, lanternas, jarros, tapetes, camas, quadros, armário, copos, garrafas, bacia de arame e outras para banho, lavatório, aparelhos de louça-para chá e jantar- e muitos outros objetos de uso.²⁶

Leilão de mobílias:

Constando sofás, cadeiras, consolos cobertos de mármore, mesa de meio de sala coberta de mármore, espelho grande, relógios, tapetes, escarradeiras, cômoda, banca de escrever, cadeira de dormir, mesa de jantar, aparadores, guarda louça, machina de costura e outros objetos de uso de casa.²⁷

Os objetos colocados na sala de visita, durante o período estudado, funcionavam como elementos de diferenciação social nas residências fortalezense. As salas tinham que estar bem decoradas e terem um bom serviço de mesa, café e chá, ou seja, a sala de estar tinha que corresponder à riqueza de seus proprietários. Os artefatos domésticos colocados na sala de visita tinham que ser os melhores e os mais caros, pois esse compartimento era local de receber os convidados e de se expor para a sociedade. É fácil notar quais os objetos estavam presentes na sala de visita através da literatura cearense, como nos diz Adolfo Caminha em seu romance *A Normalista*:

Fazia gosto a sala de visita, forrada a papel-veludo claro com ramagens cinzentas, mobiliada com inextinguível graça, sem ostentação, sem luxo, mas onde se notava logo certa correção no arranjo dos móveis, na colocação dos quadros, na limpeza dos cristais.

Ao fundo entre as duas portas altas e esguias que diziam para interior da casa, ficava o piano, um Pleyel novo, muito lustroso, sempre mudo, sobre o qual assentavam estatuetas de biscuit. A direita, descansando sobre grandes pregos dourados, o retrato a óleo do coronel com sua barba em ponta, olhava para o piano, muito serio, em simetria com o da esposa.²⁸

A forma como os objetos eram colocados na sala se referiam muito a um caráter de distinção e hierarquia. A mobília em sua maioria era de jacarandá, principal madeira utilizada na época, e havia cadeiras para todos os convidados. O arranjo dos móveis era colocado em U, poltrona com braços para o chefe da casa, ladeado pelo sofá canapé ou cadeiras de palhinha sem braços, encontramos também sofás e cadeiras dispostas lado a lado em duas

²⁶ O Cearense. Anno XXIII. 16 de julho de 1869. pg 04. Op. Cit.

²⁷ O Cearense. Anno XXIII. 15 de julho de 1869. pg 04. Op. Cit.

²⁸ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza, ABC, 1999. p. 37.

fileiras paralelas e, na extremidade, a cadeira com braço indicava a posição a ser ocupada pelo chefe de família, que teria ao seu lado a companhia da esposa.

O canapé tinha presença obrigatória na sala de estar. Completava o mobiliário as cadeiras de palhinha, mesa de centro com pés torneados, as mesas de canto, logo na entrada da sala um cabide, muitas vezes com espelho onde se colocavam os chapéus, bengalas e guardas-chuvas. O relógio colocado na parede, as cortinas com tecidos estrangeiros e os oratórios com imagens de devoção católica completava essa sala de estar.

Nas residências fortalezenses durante o século XIX percebemos uma grande modificação no cotidiano da sociedade, pois se na primeira metade do século notamos uma grande influência portuguesa, na segunda metade vamos verificar através do comércio uma grande influência francesa e inglesa. Analisamos essa influência cultural nos objetos da sala de estar, pois a partir da segunda metade do século XIX a maioria da mobília era de origem francesa ou inglesa. Como vemos no inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello:

MÓVEIS: uma mobília francesa composta de dezoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois concollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e cinquenta mil reis que vai a margem 150.000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000. Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinquenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por duseis mil reis que sai a margem 200.000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de jedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000. Um guarda-vestido de amarillo avaliado por trinta mil reis que vai a margem 30:000. Um guarda-roupa de angico para homem avaliado por vinte e cinco mil reis que vai a margem 25:000. Um armário de sedro, pequeno avaliado por dês mil reis, que vai a margem 10:000. Dois guardas-louças de sedro, ambos avaliados por vinte e cinco mil reis, que vai a margem. Nove cadeiras de faia usada avaliadas por nove mil reis que sai a margem 9:000. Uma secretária avaliada por vinte mil reis que vai fora 20:000. Quatro jarros de porcelana para flores avaliadas por dez mil reis que vai fora 10:00. Um relógio montado em mármore para cima de mesa, avaliado por vinte mil reis que vai a margem 20:000. Dois espelhos com moldura e vidros de crystal, avaliados por cinquenta mil reis que vai fora 50:000.²⁹

Esses objetos de origem francesa mostram muito bem a relação da chegada de casas comerciais estrangeiras ao estado do Ceará com a modificação da sala de estar dessa sociedade cearense. Verificamos a utilização desses objetos estrangeiros na maioria das

²⁹ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.

residências, até mesmo de uma camada mais pobre da sociedade, pois estes através de suas maneiras e possibilidades financeiras tentavam se adequar a essa cultura capitalista que estava aumentando, cada vez mais, na província alencarina.

Portanto, durante a segunda metade do século XIX com a chegada das casas comerciais estrangeiras, principalmente a Boris Frères, aumentou o comércio tanto de exportação de matérias primas para a Europa como de importação de manufaturas na província do Ceará. A entrada desses produtos modificou tanto a sala de estar das famílias fortalezenses e como consequência seu cotidiano também. Essa relação só deixou mais clara à inserção da província cearense em uma cultura capitalista que estava crescendo cada vez mais. Pensando nesses fatores no nosso segundo capítulo mostraremos a sala de visitas e seus artefatos com suas significações. E também como era realizado a venda e o consumo desses objetos.

Capítulo 2 - Móvel e Sala de Visita: comércio e consumo de uma cultura

2.1 A Sala de Visita nos inventários cearenses: mobiliário e sua utilização social no cotidiano.

Nessa primeira parte do segundo capítulo o objetivo é analisar os inventários de famílias fortalezenses, procurando perceber que móveis estavam presentes nas salas de visitas durante o período estudado, se eram os mesmos objetos utilizados nas salas de outros estados brasileiros, que tipo de materiais constituía esses objetos, se esses eram em sua maioria importados ou da própria região, se as salas de visitas eram semelhantes às dos países europeus, se a maior parte da população estava à margem desses objetos, como se davam as relações de sociabilidade e de sensibilidade dos anfitriões e dos visitantes com esses objetos e paralelo a esses objetivos aos poucos vamos construindo e formando uma sala de visita das famílias fortalezenses com seus respectivos objetos e com as singularidades de seu tempo e espaço.

O primeiro ponto é a obtenção desses objetos através dos inventários post-mortem. Mas antes de fazermos um estudo sobre esses objetos obtidos através dos inventários, falaremos sobre as vantagens e desvantagens de trabalhar com esse tipo de fonte. Os inventários revelam o cotidiano das famílias cearenses do período estudado, pois essa fonte nos permite conhecer a cultura material do espaço doméstico, a vida privada dos inventariados e seus descendentes, bem como a riqueza e a pobreza dos proprietários, nos revelam os laços existentes entre a família, a comunidade local e o espaço no qual estava inserida. Embora estejamos cientes das dificuldades que essas fontes possuem, pois além de serem criados para ressaltar os objetos da casa, os inventários em determinada época só eram produzidos por quem possuísse um bom recurso econômico e sempre era elaborado por familiares mais próximos.

Através dos inventários post-mortem nos é permitido observar a realidade material e simbólica da família em foco, o espaço interno das moradias urbanas de Fortaleza, os objetos que estavam presentes nas salas de visita da sociedade fortalezense e também percebemos a importância do espaço doméstico como objeto de pesquisa e análise.

Alertamos também que a ausência de alguns objetos nos inventários pode indicar a escassez desse objeto na sociedade. Pode também sinalizar que, ao possuir valor irrisório, não havia necessidade de mencionar o artefato. Um bom exemplo são os produtos fabricados na região, pois possuíam uma grande desvalorização, diferente dos produtos importados, que os inventariantes fizessem questão de colocar e dizer sua origem e preço. O que notamos com clareza na análise desses inventários é a necessidade da descrição de objetos estrangeiros, já que nesse período do final do século XIX, devido à presença de muitos estrangeiros na região e a chegada de várias casas comerciais, a sociedade cearense possuía uma necessidade de valorização dos costumes franceses, austríacos e ingleses. Essa mobília estrangeira fica fácil de perceber no inventário de José Luis Machado, feito pela inventariante e esposa Dona Carlota Maria Machado:

Declarou o procurador do inventariante que por morte do inventariado ficaram os seguintes bens: um piano uzado avaliado pelos avaliadores em cincoente mil reis. Uma mobília austríaca meio uzada avaliada em cincoenta mil reis. Um toilet avaliado em cem mil reis. Um guarda-louça pequeno avaliado pelos avaliadores em vinte cinco mil reis. Um guarda-roupa avaliado em cento e cincoenta mil reis. Uma mesa para jantar, já uzada, avaliada em vinte mil reis. Uma mesa pequena para escrever avaliada em dez mil reis. Um baú avaliado em cinco mil reis. Duas commodas, avaliadas a quinze mil reis, cada uma, importando em trinta mil reis. Dois bancos de encosto avaliados a cinco mil reis, cada um, importando em dez mil reis. Duas carroças para buros com arreios avaliados por duzentos e quarenta e cinco mil reis.³⁰

A obtenção de objetos através dos inventários era realizada através de heranças, já que todos os bens do inventariado ficavam para o parente mais próximo, que na maioria das vezes eram os filhos. Quando tivesse mais de um filho os bens eram repartidos entre estes. O inventariante fazia questão de descrever todos os bens do inventariado, que eram os bens de raiz, escravos, gados, ações, prata e ouro, dinheiro e dívidas ativas. Ele não podia deixar de declarar nenhum bem, e fazer o juramento de que declarou:

a este Inventario todos os bens que haviam ficado no Seu Casal Sem incubrir, nem ocultar Coisa alguma a fim de não incorrer nas penas da Lei, e para que por principio algum lhe não prejudique o seu juramento protestava de que a todo tempo que se lembrasse de mais alguns bens por qualquer titulo pertencentes ao seu Casal vir fazer dos mesmos a necessária , e devida declaração para se adicione neste mesmo Inventario para serem Repartidos pelos Herdeiros.³¹

³⁰ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventario de José Luis Machado, Fortaleza. 1916.

³¹ APEC. COF. Inventário de Manoel Gomes de Melo. Ico, 1815.

Portanto, na primeira parte do inventário estavam as declarações feitas pelo inventariante de todos os bens ficados pelo inventariado, na segunda estavam as análises feitas pelos avaliadores dos valores dos bens deixados com o total em número de reis e na última a partilha dizendo que bens seriam deixados para cada herdeiro. Os avaliadores e partidores eram avaliados pelo juiz de órfão, ou quem estava a cargo, mas também podia ser indicada pelo inventariante, geralmente os primeiros indicavam alguma pessoa do conselho, e estes últimos pessoas de confiança:

Avaliadores Antonio Pinheiro Teixeira Louvado e juramentado, e João Batista da Costa Coelho do Conselho aos quais encarregou eu debato do juramento dos Seus Offícios Com boa, e Sam Consciência perante ele dito Juiz procede sem nas devidas Avaliações.³²

Assim, os inventariantes faziam a declaração de bens e os avaliadores informavam os respectivos valores para cada bem declarado e também fazia seu juramento de que havia avaliado o bem em sua consciência e dado o merecido valor aos bens. Era o juiz quem avaliava os juramentos, declarações e avaliações, dando seu parecer final sobre a partilha. Assim percebemos nesse inventário do século XIX:

Os Partidores do Conselho somem a importância dos bens e dividas ativas descritas neste Inventario Do seu total separem os precisos para o pagamento dos Custos e dividas passivas do Casal. Dividão o liquido restante em duas partes iguais. Com uma facção, Miação a Viuva Inventariante e Subde [p. 6] E subdividas e noutra pelos dois herdeiros declarados no rosto deste Inventario guardando em tudo igualdade e Direito e que tudo farão na minha presença. Com Citação dos Interessados onde que os representa. V.A do Icó. o 1º de Abril d 1815. Fiuza [rubrica].³³

Os inventários trabalhados neste capítulo são: Antônio Franco Rabelo, Thomas Pompeu de Souza Brazil, Maria Julia Alves de Amaral e José Correia do Amaral, Visconde e Vicondesa de Cahype, Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello e o Barão de Santo Amaro. Todos esses inventários estão presentes no Arquivo Público do Ceará na sessão intitulada de Cartório dos Órfãos. A princípio da pesquisa logo verificamos a dificuldade de se trabalhar com esse tipo de fonte, além das dificuldades levantadas anteriormente, pois de uma vasta população existente em Fortaleza só encontramos algumas famílias da cidade registradas nesses inventários. Desde já adiantamos que em sua maioria eram famílias abastadas, e dessas registradas percebemos uma pouca descrição dos objetos. O

³² Op. Cit.

³³ Op. Cit.

objetivo aqui é que essas famílias estudadas representem uma camada específica das famílias cearenses desse período, caracterize os objetos utilizados por essas famílias e que através dessas seis famílias conseguiremos compreender o resto da sociedade, com suas semelhanças e diferenças, ou seja, através do micro compreenderemos o macro.

Ao analisarmos esses inventários percebemos que só quem os realizavam eram pessoas que possuíam dinheiro, é tanto que na avaliação dos seis inventários localizamos inventariados com títulos nobiliárquicos ou pessoas renomadas no campo político ou acadêmico. O grande motivo disso era que para se elaborar um inventário era preciso ter dinheiro e ao mesmo tempo só era necessário a realização do mesmo se a família tivesse bens para deixar para os herdeiros.

Como já foi dito na presente pesquisa, a sala de visita era a ligação entre a casa e a rua, entre o público e o privado, ou seja, era o espaço reservado à recepção de pessoas. Por isso nesse lócus era necessário estarem presentes os objetos mais luxuosos da casa. O primeiro artefato a ser analisado aqui, que estava presente na sala de visita, eram os canapés ou escabelo. Esse objeto era um assento comprido com costas e braços geralmente produzidos com madeira de jacarandá. Determinado móvel encontra-se presente em todos os inventários em estudo que se preocuparam em descrever a sala de visita. Assim notamos no inventário de Antônio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello:

uma mobília francesa composta de desoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois conçollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e ciquenta mil reis que vai a margem 150:000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000. Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinqüenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por dusentos mil reis que sai a margem 200:000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de cedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000. Um guarda-vestido de amarillo avaliado por trinta mil reis que vai a margem 30:000. Um guarda-roupa de angico para homem avaliado por vinte e cinco mil reis que vai a margem 25:000. Um armário de cedro, pequeno avaliado por dês mil reis, que vai a margem 10:000. Dois guardas-louças de cedro, ambos avaliados por vinte e cinco mil reis, que vai a margem. Nove cadeiras de faia usada avaliadas por nove mil reis que sai a margem 9:000. Uma secretária avaliada por vinte mil reis que vai fora 20:000. Quatro jarros de porcelana para flores avaliadas por dez mil reis que vai fora 10:00. Um relógio montado em mármore para cima de mesa, avaliado por vinte mil

reis que vai a margem 20:000. Dois espelhos com moldura e vidros de crystal, avaliados por cinquenta mil reis que vai fora 50:000.³⁴

O casal de inventariado era filho e nora do Barão de Santo Amaro e realizaram o inventário com objetivo de deixar seus bens para seus três filhos: D. Firmina, de 18 anos; D. Maria, de 17 anos; D. Estephania, de 16 anos e D. Leôncio, de 13 anos. Notamos nesse documento que a mobília era de origem francesa e que em sua maioria era constituída de matérias como jacarandá, angico ou amarrilo. O canapé é intitulado como sofá, mas as características são semelhantes e a função é a mesma.

Nesse inventário analisado, além do canapé também percebemos um grande número de cadeiras que somam ao todo 15 cadeiras. Cadeiras que em sua maioria estavam presentes na sala de visita.

Essa grande quantidade nos faz perceber a vontade que os anfitriões tinham em receber os seus convidados e principalmente de passar uma boa impressão à sociedade. Essas cadeiras, assim como o canapé, também eram feitas de jacarandá ou palhinha.

O próximo objeto a ser analisado é a escarradeira. Este objeto também estava presente nas salas de visitas das famílias, mas vale salientar que sua presença era maior durante as primeiras décadas do século XIX, já que na segunda metade o mesmo começou a sumir das salas de visitas. A retirada das escarradeiras das salas se deve à mudança de hábitos da sociedade que, com o tempo, já não tinha uma enorme necessidade de escarrar. Determinado objeto ou desapareceu das maiorias dos lares ou apenas se “retirou” para cômodos mais privados, pois o costume de escarrar, junto com a escarradeira, deixou de ser um símbolo de prestígio e passou a ser um costume higiênico. Assim nos afirma Norbert Elias:

Em 1859, "escarrar a todo momento é um habito repugnante". Apesar disso, e pelo menos nas residências, a escarradeira como utensílio para controlar esse hábito, de acordo com o padrão em evolução de delicadeza, ainda conserva grande importância no século XIX. Cabanes, em 1910, lembra-nos que, tal como outros utensílios (*cf.* Exemplo L), ele evoluiu lentamente, passando de objeto de prestígio para utensílio privado. Aos poucos, também, esse utensílio tona-se dispensável. Em grandes segmentos da sociedade ocidental, ate mesmo a necessidade de escarrar ocasionalmente parece ter desaparecido de todo. Um padrão de delicadeza e moderação semelhante ao que Della Casa conhecia apenas da leitura de escritores antigos tempo em que "povos inteiros... viveram com tanta moderação. .. e se

³⁴ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.

conduziram com tanto decoro que escarrar tornou-se inteiramente dispensável para eles" (Exemplo F), fora mais uma vez atingido.³⁵

O hábito de escarrar foi sendo modificado no Ocidente durante o tempo. Durante a Idade Média era um costume, ou melhor, era uma necessidade escarrar com frequência. A única restrição ou controle estabelecido durante a Idade Média era que não escarrasse por cima ou em cima da mesa. No período pós-Idade Média o controle sobre determinado costume torna-se maior, pois começa a exigir que após a escarrada se pise no esputo ou então utilize um lenço para absorvê-lo.

No século XIX, como foi dito, o hábito de escarrar com frequência se torna repugnante se efetuado em público. Aos poucos percebemos que, com o passar do tempo os manuais de etiquetas dos países europeus vão ficando mais rigorosos e tentam controlar o costume de escarrar. Um controle que se dá através de uma sociogênese e de uma psicogênese, pois a restrição a esse hábito acontece por medo de serem discriminadas por outras pessoas ou em muitas vezes por um controle interno existente:

Tabus e restrições de vários tipos acompanham a expectoração de catarro, como de outras funções corporais, em muitas sociedades, tanto "primitivas" como "civilizadas". o que as distingue é o fato de que, nas primeiras, eles são sempre mantidos por medo de outras pessoas, ou seres, mesmo que imaginários - isto é, por controles externos - ao passo que, nas últimas, são transformados mais ou menos completamente em controles internos. As tendências proibidas (por exemplo, a tendência para escarrar) desaparecem em parte da consciência, sob pressão desse controle interno, ou, como poderia ser também chamado, do superego e do "hábito de previsão". o que sobra na consciência como motivação da ansiedade e alguma consideração de longo prazo. Assim, em nossa época o medo de escarrar, e os sentimentos de vergonha e repugnância nos quais isto se expressa, concentram-se na ideia mais precisamente definida e logicamente compreensível de certas doenças e suas "causas", e não em tomo da imagem de influências mágicas, deuses, espíritos, ou demônios. Mas a série de exemplos mostra também com grande clareza que a compreensão racional das origens de certas doenças, do perigo do esputo como transmissor, não é a causa primária do medo e da repugnância nem a mola propulsora da civilização, a força por trás das mudanças no comportamento no tocante ao hábito de escarrar.³⁶

Analisando a escarradeira, notamos a introdução de um objeto nas famílias fortalezenses do século XIX. Um objeto que em sua maioria era de origem inglesa e que demonstra muito bem a sofisticação até em um simples hábito de escarrar.

³⁵ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar ed. , 1994. P. 159.

³⁶ Op. Cit. p.160.

Tentando seguir os costumes encontrados nos manuais de etiquetas europeus, a sociedade de Fortaleza também faz uso desse determinado objeto importado para se inserir nos modos civilizatórios do velho mundo. A presença desse artefato nas salas de visita é comprovada nos museus e também em alguns leilões da época:

Constando de sofás, cadeiras, consolos cobertos de mármore, mesa de meio de sala coberta de mármore, espelho grande, relógios, espelho grande, relógios, tapetes, escarradeiras, cômoda, banca de escrever, cadeira de dormir, mesa de jantar, aparadores, guarda-louça, machina de costura e outros objectos de uso de casa.³⁷

Os oratórios particulares presentes na maioria das casas eram um dos principais emblemas religiosos presentes nas salas de visitas. Este móvel sacro ocupava um local de destaque na sala de visita, mas também era comum estar presente em locais mais reservados como os quartos. Nesses oratórios estavam presentes eventuais relíquias e alguns santos de devoção do proprietário da casa:

A utilização de oratórios remonta ao período colonial. Era uma tendência de construir recantos particulares de oração. Em muitos casos através desses oratórios as salas de visita eram utilizadas como um espaço de realização de orações e culto ao sagrado. Esses espaços de sociabilidade eram realizados pelos anfitriões com seus convidados durante o período colonial, ou seja, quando não se encontravam capelas. Assim nos mostra Antonio Otaviano Vieira Júnior: “Estas imagens poderiam compor a mobília das ricas casas em especial a sala dessas residências que, na ausência de capelas, serviam como lugar de oração e culto ao sagrado”³⁸

Neses oratorios eram vistos imagens de santos, altares, cordões com imagens, entre outros, diversos elementos que mostram a existência de uma certa religiosidade no cotidiano do século XIX, assim como vemos diversas recomendações de âmbito religioso nos testamentos:

Virgem Maria Mãe de Deus e dos pecadores e a todos os Santos da Corte dos tal principalmente o Anjo de minha guarda ao Santo do meu nome e ao Patriarca São José com quem tenho especial devoção que vão por mim rogado entre Nosso Senhor Jesus Christo desde agora até cortado minha Alma seja tomada a Juizo [...] fará Parocho della Com todos os Sacerdotes que houverem na terra e outros que moraram demais vizinhos e possam vir se fará officio de Corpo presente alem do

³⁷ O Cearense Anno XXIII. 15 de julho de 1869 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

³⁸ VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Hucitex, 2004. p. 80.

Paroqueal e aos mesmos Sacerdotes que me acompanharão dirão por minha Alma Missas de Corpo presente Com a esmolla de SeisCentos e quarenta e no Officio de Corpo presente serao pagos Conforme o Costume.³⁹

Embora os oratórios remontassem ao período colonial, durante a segunda metade do século XIX ainda se encontravam como lugar de destaque nas salas das famílias. Os oratórios demonstravam uma apropriação familiar de ritos religiosos, na medida em que o controle e a prática devocional estavam diretamente vinculadas ao lar. Os santos cultuados estão ligados de certa maneira aos moradores da casa e fruto das promessas que seus proprietários fazem de forma direta a estes santos. Percebemos as características específicas, os valores e a composição de oratórios em alguns inventários analisados:

declarou o inventariante existir: um guarda roupa avaliado pelos avaliadores em cem mil reis, que sai a margem 100:000. Um oratório com imagens avaliado, digo, imagens estimadas pelos avaliadores em oitocentos mil reis, com o que sai a margem 800:000.⁴⁰

Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000. Um lava digo um oratório de magno com quatro imagens avaliada por cem mil reis que vai a margem 100:00. Uma meia commoda de jedro usada por dez mil reis que vai a margem 10:000.⁴¹

Declarou mais haver ficado uma cadeirinha estragada que foi avaliada por quinze mil reis que vai fora 15:000. Declarou mais haver ficado um santuário com duas imagens avaliado tudo por trinta mil reis que vai fora 30:000.⁴²

O consumo de objetos, durante o período estudado, aparece como instrumento legitimador das posições sociais, ou seja, o simples hábito de obter um objeto importado lhe garantia uma diferenciação social na medida em que inseria determinado consumidor em uma classe mais abastada da sociedade. Se durante o período colonial eram os objetos imateriais, como os títulos nobiliárquicos, que davam um maior status social agora esse determinado respaldo social se daria através do consumo de objetos e materiais importados.

A aquisição de bens importados numa sociedade que há pouco tempo derrubou o império e aos poucos vai se legitimando o fim do trabalho escravo, vem com a intenção de superação do passado colonial que se quer esquecer a qualquer custo, por mais que várias características ainda se encontrem presentes em outras esferas. Esse consumo aparece como condição primordial para o abandono dos antigos padrões em favor do consumo de gêneros

³⁹ APEC. COF. Inventário de Cristóvão Barros Rego. Aquiras, 1806.

⁴⁰ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Visconde e Viscondessa de Cahype. Fortaleza, 1877.

⁴¹ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877

⁴² Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário do Barão de Santo Amaro Fortaleza, 1877.

estrangeiros, que vão de formas arquitetônicas até alimentos, para que lhe conferisse um “estilo de vida” e um status necessário.

Os artefatos das salas de visitas analisados até o presente momento faziam parte de objetos que davam uma diferenciação social, pois além de representarem um poder aquisitivo dos consumidores ainda lhe davam um estilo de vida marcado pela diferenciação social. Com o passar do tempo a elite brasileira achou necessário a criação de outros mecanismos que também representassem essa diferenciação social. Uma dessas formas estabelecidas foi através da cultura.

A diferenciação por meio da cultura se dava na compra de quadros artísticos, livros, espetáculos musicais que se configuravam em produtos de luxo, etc. Para se desfrutar de determinados objetos culturais era preciso, além de um poder aquisitivo, ter um “gosto apurado”. É a partir desses gostos culturais que a elite começa a se educar para ter um “gosto diferenciado” e que agora se estabelecia uma diferença entre os “educados” e os leigos, capazes de comprar, mas não de usufruir da arte. É nesse contexto que se insere o próximo objeto a ser analisado, o piano, pois este artefato além de possuir um poder simbólico diferenciador pelo seu preço também vai estabelecer uma diferenciação social através da cultura.

Os pianos reinavam nas salas de visitas das mais elegantes famílias brasileiras, principalmente nas últimas décadas do século XIX. Esse objeto era um símbolo de distinção social e também representava um bom gosto artístico das famílias. Ele estava instalado nas salas de visitas, pois era um local de sociabilidade e onde era permitido o acesso de convidados para ouvir o suntuoso artefato com requintes europeus. Além de possuí-lo era necessário saber usar e apreciar esse objeto que também era um instrumento musical.

A presença dos pianos é percebida nos inventários analisados. Percebemos que na maioria dos inventários eles vão estar presentes. Chegam até mesmo a serem encontrados dois pianos em uma única residência:

MÓVEIS: declarou o inventariante existir: um guarda roupa avaliado pelos avaliadores em cem mil reis, que sai a margem 100:000. Um oratório com imagens avaliado, digo, imagens estimadas pelos avaliadores em oitocentos mil reis, com o que sai a margem 800:000. Um cofre de ferro avaliado em seiscentos e cinquenta mil reis, que sai a margem 650:000. Um armário para livros avaliado em vinte e cinco mil reis, que sai a margem 25:000. Uma costureira avaliada em dês mil reis, que sai a margem 10:000. Dois espelhos grandes avaliados em vinte cinco mil reis, importando em cinquenta mil reis, que sai a margem 50:000. Um piano avaliado pelos avaliadores em trezentos mil reis, que sai a margem 300:000. Um cofre para jóias avaliados em duzentos mil reis, que sai a margem 200:000.⁴³

⁴³ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Visconde e Viscondessa de Cahype. Fortaleza, 1877.

Esses móveis declarados acima pertencem ao inventário do Visconde e Vicondesa do Cahype. Nesse inventário além de localizarmos um piano de trezentos mil reis também percebemos um armário específico para livro, ou seja, outro objeto que guarda artefatos de distinção social através da cultura.

Outro inventário que também é declarado um piano entre os móveis é o do Antônio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, filho e nora do Barão de Santo Amaro. A principal curiosidade desse inventário é que os inventariados possuíam uma cadeira específica para se sentar e tocar piano (cadeira para piano):

MÓVEIS: uma mobília francesa composta de dezoito cadeiras com mesa, quatro ditas de braços, um sofá, dois concollos com pedra mármore, usada e em mau estado, avaliada por cento e cinquenta mil reis que vai a margem 150:000. Uma mobília de angico, usada, composta de onze cadeiras, um sofá e dois consollos, avaliada por cem mil reis, que sai a margem 100:000. Uma banca redonda por dez mil reis que sai a margem 10:000.

Uma mesa elástica de amarillo para jantar avaliada por vinte mil reis 20:000 que vai fora. Uma cama francesa de angico avaliada por cinquenta mil reis que sai a margem 50:000. Um piano em perfeito estado por dusentos mil reis que sai a margem 200:000. uma cadeira para piano por cinco mil reis que sai na margem 5:000. Um lavatório= toilet, de magno com pedra de mármore avaliada por cento e vinte mil reis, que vai fora 120:000.⁴⁴

Nos anúncios dos periódicos da época em estudo também era muito comum oferta de pianos. A venda era realizada através de transações particulares, na qual o interessado se dirigia à residência de quem estava ofertando o artefato. Assim nos mostra o seguinte anúncio do jornal O Cearense:

PAG 4 – ANNUNCIOS.

Quem achar um relógio de prata galvanizado meio chonometro, que marca horas, dias, minutos e segundos; a entregar a Manoel Vieira Bastos será recompensado. Vende-se um piano em bom estado por preço rasoavel, quem pretende-o dirija-se à casa de João Monteiro da Silva Zinha, no garrote.⁴⁵

⁴⁴ Arquivo Público do Ceará, COF. Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.

⁴⁵ O Cearense Anno XVIII. 1 de março de 1864 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

Os relógios de caixa alta figuravam nas salas de visita ou nas salas de jantar dos sobrados. Durante o período em foco existiam dois tipos de relógio em coluna: o inglês de caixa alta e lisa, geralmente sem decorações, e o Francês com caixa arredondada e ricamente decorada com frisos de bronze. A caixa inicialmente serviu para proteger os pesos, mas depois se tornou um elemento de decoração. O termo “relógio de caixa alta” foi utilizado desde o século XVII para indicar os relógios de pêndulo, com caixa comprida e estreita que se apoiava no chão.

Esse objeto de precisão tinha um caráter funcional e decorativo. Decorativo pelo seu estilo neoclássico tardio confeccionado com inspiração e estrutura das caixas de relógios francês e inglês do século XIX. O caráter funcional é adquirido pela necessidade que a sociedade tinha de querer sempre estar ciente dos horários da forma mais precisa possível, tanto para a utilização desse tempo para o trabalho como também pelas regras de etiquetas que não permitiam atrasos em espaços de sociabilidades.

Percebemos a presença de vários tipos de relógios durante a segunda metade do século XIX. Relógios de parede com caixa de madeira, relógios de mesa e relógio de caixa alta estavam figurando as casas desse período. A partir disso notamos um controle do horário presente em todo o cotidiano da sociedade fortalezense. A venda desse artefato era comum em anúncios que destacavam os leilões:

PAG 4 – ANNUNCIOS

O abaixo assinado declara que pessoa alguma faça negocio com os bens que deixou seu finado pai e para que ninguém se chame ao engano faz esta declaração. Os bens são os seguintes: 2 escravas, 1 cama de jacarandá, 2 bancas de sala, 1 commoda, 2 mesas de jantar, 1 relógio grande, 2 armarios, 1 oratorio com santos, 1 mesa do dito, 1 cordão grosso de ouro, aparelhos de ouro, 2 castiões de prata, copos finos, facas finas, 1 sofá, caeiras, lanternas de vidro, aparelhos de louça fina, bahús para roupa e muitos trastes de casa.⁴⁶

Portanto, além desses seis objetos analisados nesse subcapítulo, as salas de visita da segunda metade do século XIX possuíam vários outros objetos. Os objetos presentes nessa parte das residências das famílias fortalezenses, apesar de existirem objetos obrigatórios, variavam de família para família. Os seis objetos analisados aqui são os mais encontrados nos inventários do período estudado, por isso o grande foco dados a eles. Mas ainda verificamos outros tipos de objetos em algumas salas: cabides que ficavam na entrada da casa e eram

⁴⁶ O Cearense Anno XXII. 8 de janeiro de 1868 – p. 3. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

utilizados para colocar bengalas e chapéus dos visitantes, consolos onde eram apoiados jarros ou qualquer outro artefato que demonstrasse luxo, serpentinas com mangas e pingentes de cristal que eram responsáveis por iluminar as salas das residências, mesas de centro com pés torneados, as mesas de canto, o bufete fidalgo e as cortinas de linho.

2.2 - “O Consumo de Uma Cultura”: anúncios e leilões de artefatos domésticos.

Nessa segunda parte o objetivo é mostrar e analisar como era feito o consumo de objetos domésticos estrangeiros, principalmente referentes à sala de visita. Analisaremos as relações comerciais das famílias com as casas comerciais, em especial a Boris Frères, as compras de objetos realizadas através de anúncios de jornais e a obtenção de objetos realizados através de leilões.

Além dos inventários, analisados na primeira parte do capítulo, também existem os anúncios de jornais que nos permitem fazer uma análise de como era realizado o comércio desses produtos estrangeiros com a sociedade fortalezense. Utilizando essa fonte podemos saber quais objetos estavam sendo mais ofertados durante o período e como era feito esse comércio. Pelos periódicos podemos inferir as transformações no cotidiano da população à medida que esses jornais começaram a publicar anúncios de mobiliário, joias, roupas finas, livros e equipamentos diversos.

Os dois periódicos trabalhados nessa pesquisa são: O Cearense e O Diário. O primeiro jornal trata-se de um órgão do Partido Liberal publicado em Fortaleza. A partir de 4 de outubro de 1846, saiu da imprensa nacional de Barbosa, da tipografia Brasileira de Paiva & Cia, das de Francisco Luís Vasconcelos e de João Evangelista e, finalmente da sua própria. Foram seus fundadores e primeiros redatores: Frederico Pamplona, Tristão Araripe (Conselheiro) e Thomas Pompeu (Senador). Entre os redatores do Cearense figuram também Miguel Ayres, João Brígido, Dr. José Pompeu, Conselheiro Rodrigues Junior e Dr. Paula Pessoa. Foi gerente por longo tempo João Câmara, que dele se passou com parte do pessoal da redação para a Gazeta do Norte, por ocasião da cisão do Partido Liberal Cearense, em 1880. Algum tempo após a proclamação da República, até 25 de fevereiro de 1891, foi publicado com o título de “Órgão Democrático”. Desapareceu por ocasião da queda de José Clarindo de Queiroz. O segundo foi publicado em Fortaleza a 16 de maio. Os redatores eram:

Adolfo Caminha e R. De Oliveira e Silva. Redação à rua formosa n. 88. O último número é o 59, de 4 de agosto de 1892.

Analisando esses dois periódicos cearenses da época, notamos que esse comércio era realizado através de casas comerciais ou armazéns que já possuíam clientes fixos, portanto à medida que iam chegando produtos da Europa, através dos vapores, os donos dessas firmas colocavam anúncios nos jornais para avisar à população interessada. Um bom exemplo eram os anúncios do periódico “O Cearense”, onde na maioria das vezes apareciam vendas de produtos importados:

Nesta typographia se dirá quem vende uma cama á francesa, um guarda roupa e uma meza de jantar – toda em perfeito estado.⁴⁷

O armazem de Fortunato Vianna continua a receber da Europa em todos os vapores, os seguintes gêneros de melhor qualidade que vem a este mercado como sejam: presuntos ingleses encapados, latas com linguiças, latas com peixe, latas com salmon, latas com lombo de porco, latas com azeitonas, latas com marmellada, chocolate em pó, vinho do porto engarrafado, vinho de Bordeaux muito bom, vinho de Lisboa, caixas com ameixas, louça de todas as qualidades, queijos flamengos muito frescos, cadeiras inglesas. Continua também a receber de Pernambuco carne do rio grande do sul e açúcar refinado de primeira qualidade. E tudo vende mais barato do que em outra qualquer parte, e se duvidam enham ver!⁴⁸

Esses anúncios de venda de produtos fazem perceber que era realizado tanto comércio de mobílias estrangeiras como também de alimentos e além de ter um comércio com o exterior, o estado do Ceará também realizava comércio com outros estados do Brasil. Portanto, os periódicos eram uma ligação desses estabelecimentos com a população, pois eram os responsáveis por transmitir e divulgar a cultura e os modos utilizados nos países europeus e também de anunciar os objetos estrangeiros que estavam à venda.

As casas comerciais além de anunciarem seus produtos nos periódicos também possuíam um jeito específico de realizar suas vendas. Essas “firmas estrangeiras”, em especial a Boris Frères, enviava listas de preços e amostras aos comerciantes. Aceita por estes a oferta, e feita a compra, a Casa emitia a fatura e a letra correspondente, enviando-as aos comerciantes, contando a partir daí o prazo para vencimento da letra. As mercadorias, devido às péssimas condições de transporte, chegava com grande atraso, o que dificultava o acúmulo de um saldo

⁴⁷ O Cearense. Anno XIX. Nº1802. 18 de março de 1865. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

⁴⁸ Idem.

com o qual se pudesse pagar a dívida. Estrategicamente as Casas comerciais quando enviavam as mercadorias solicitadas também colocavam novas ofertas com amostras de preços.

Era muito comum aos compradores fazerem o pagamento de mercadorias estrangeiras com matérias primas, ou seja, os comerciantes do Ceará pagavam suas dívidas e mercadorias com algodão, cera de carnaúba, penas de ema, couros, borracha e jaborandi. Outra estratégia comercial utilizada pelas casas comerciais era enviar mercadorias extras junto com as que foram solicitadas, devido ao longo processo de transporte das mercadorias os compradores acabavam ficando com essas mercadorias extras.

Além da Boris Frères também existam várias outras casas comerciais. Em sua maioria estava presente na rua formosa, localizada no centro da cidade de Fortaleza. Assim nos mostra o seguinte anúncio do Jornal O Diário:

Manifesto do hyate deus te guarde, entrado no dia 23 do corrente: Boris Frères, 50 caixões com dynamite e 50 ditos com espoletas. Leite, Oliveira & C^a, 12 fardos com xarque. Mota filho & C^a, 30 ditos com xarque e 1370 saccas com farinha. Alfredo J. Avelino, 50 ditas com farinha Lima & Oliveira, 100 ditas com farinha Lima & Oliveira 100 ditas com farinha e 100 ditas com milho. J. Antonio de Souza, 500 saccas com farinha. Narciso Cunha, Primos & C^a, 20 barricas com assucar. Carneiro Cavalcante & C^a, 21 ditas co assucar. Menescal, Campos & C^a, 5 ditas com assucar. Barbosa Filho & Irmão, 20 ditas com assucar. Cruz & Irmão, 20 ditas com assucar. Antonio Brues Italisno, 43 ditas com assucar e 10 caixas com sabão. João C. Bastos, 40 ditas com assucar. Simões Irmão & C^a, 50 ditas com assucar. Menescal Campos & C^a, 24 ancoretas com vinho e 12 ditas co vinagre. Simões Irmão & C^a, 24 ditas com vinho.⁴⁹

O consumo de objetos domésticos também era realizado a partir de leilões, esses tiveram um aumento durante a década de 1890, ocorrendo preferencialmente a partir do meio-dia. Esses objetos obtidos em leilões eram consumidos quando os donos desses se desfaziam dos objetos, devido a vários motivos que na maioria das vezes eram causados por mudanças de famílias para a Europa. Através desses leilões podemos perceber os motivos que levavam a inúmeras famílias deixarem a província e os objetos que eram utilizados por essas famílias mais ricas. Um bom exemplo era em vários anúncios de leilões encontrados nas páginas do jornal “O Cearense”:

Manoel José Salgado Couto, não tendo podido concluir a venda de sua mobília no leilão de 16 e 17 do corrente de novo fará quinta-feira 21 do corrente, as 10 horas do

⁴⁹ O Diário. Anno I. 25 de Maio de 1892. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

dia que constara de 2 sofás, cadeiras de jacarandá, uma cama de ferro, um guarda vestidos, um piano quase novo, um dito usado, porém em bom estado, duas banquinhas de jacarandá, garrações vazios, um selim inglez novo, uma machina para costura, vinho do porto e diversas qualidades resto de dispensa, cerveja. Diversas obras de prata e ouro, uma caixa de drogas, uma prensa para caju e ouros muitos objectos que serão presentes aos compradores. No fim do leilão haverá queijo loudrino.⁵⁰

Terça-feira 27 do corrente as 11 horas, no estabelecimento de Fonseca & irmão, de uma nova e excellente mobília, constando de cadeiras, sofás, commodas, cama, 3 guardas roupas, lavatórios, bancas etc. 2 pianos e 1 machina de costura. Na mesma ocasião se venderão também uma porção de caixas de batatas e cebollas chegadas ultimamente no vapor inglez em folha, charutos e outros gêneros de estiva.⁵¹

Portanto, verificamos as diversas formas com que a sociedade cearense fazia o consumo de produtos e objetos domésticos estrangeiros. Analisamos a importância das casas comerciais estrangeiras, dos leilões, dos anúncios dos periódicos e dos inventários em relação ao comércio e a identificação da mobília que estava presente não só na sala de estar mais sim de toda a residência da sociedade fortalezense. No próximo capítulo utilizaremos a literatura cearense do período em foco para percebemos a missão civilizatória estabelecida pela a maioria dos escritores cearenses e como estes descreviam os objetos da sala de visita em suas obras.

⁵⁰ O Cearense. Anno XX. Nº 1985 A 2122, 21 e junho de 1866. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

⁵¹ O cearense. Anno XXI. Nº 2412 a 2534, 27 de agosto de 1867. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

CAPÍTULO 3 - A Ritualística dos Objetos: a literatura cearense e o processo civilizador.

3.1 – A literatura cearense do século XIX: A “Missão Civilizatória”.

Nesse terceiro capítulo os objetivos são: mostrar como a literatura cearense representava em suas obras a inserção da sociedade cearense nessa cultura capitalista e perceber diversas características culturais europeias e discursos civilizatórios presentes no cotidiano das narrativas das obras em foco. Inferimos que para alcançar esses objetivos é preciso primeiro realizar uma análise de determinados escritores cearenses com suas referentes escolas literárias e suas intenções nessas obras.

Antes de falarmos de cada autor cearense e suas relativas obras, que serão abordadas aqui, se faz necessário uma análise de como trabalhar com uma fonte literária e de que maneira esse tipo de fonte vai ser utilizado nessa pesquisa. A literatura neste presente trabalho vai ser utilizada como uma maneira de percepção de um universo cultural e de um entendimento de valores sociais e das experiências subjetivas de uma determinada camada social em estudo.

Esse tipo de fonte, como todas as outras, tem que ser trabalhada como um “documento monumento”, ou seja, cabe a nós levantarmos o contexto da obra estudada, compreender a intenção mediante a qual foi produzida e localizar seus modos de divulgação, ou seja, temos que observar o contexto de cada obra ficcional e fazer uma relação com a sociedade do período que o livro foi escrito, pois é em determinadas condições sociais e culturais que o escritor cria suas obras.

O principal objetivo de utilizar esse tipo de fonte se insere na vontade de abordar os discursos literários presentes nas obras estudadas e utilizar os mesmos como portadores de uma historicidade, ou seja, o intuito é utilizar as narrativas ficcionais como uma importante fonte na revelação do passado. Seguindo essa ideia percebemos que os autores trabalhados aqui buscaram representar uma sociedade moderna, civilizada, avançada em suas diferentes esferas (Incluindo os objetos domésticos com suas funções), mas também se viam na obrigação de posicionar-se; e suas obras estão repletas de intencionalidades.

Este presente estudo se insere no período correspondente ao final do século XIX e tenta analisar uma realidade histórica específica da inserção da cidade de Fortaleza em um capitalismo imperialista e como o realismo-naturalismo, representou essa realidade histórica em diversas obras da sua vertente. É importante salientar nesse momento que o leitor não se utilize dessa particularidade em foco para realizar generalizações históricas. Não vamos encontrar em todas as obras, que abordam o período histórico estudado, a mesma visão e intencionalidade de Adolfo Caminha e seus amigos literatos, pois basta pegarmos e analisarmos um autor inserido em outra particularidade social e histórica para notarmos as diferenças. Portanto é bem nítido que essas representações estudadas são modeladas por esses autores ou transmitem posições e características apenas desse grupo ou classe específica que escrevem. Seguindo essa ideia ressaltamos aqui a utilização do autor Raymund Williams e sua obra “O campo e a cidade na história e na literatura” como referencial teórico no que se refere à história social do escritor. Assim o autor nos deixa claro nessa pequena passagem:

Pois o que é cognoscível não é apenas uma função dos objetos – do que há para ser conhecido – é também uma função dos sujeitos, dos observadores, do que é desejado e se precisa conhecer. E o que temos que ver então, como sempre, na literatura rural, não é apenas a realidade da literatura rural; é também a posição do observador nela e em relação a ela, uma posição que faz parte da comunidade que se quer conhecer.⁵²

Nessa pequena passagem inferimos a importância de estudar e analisar não só a obra, mas também o próprio autor. No caso trabalhado aqui além de observarmos a realidade da literatura que representa essa cultura capitalista; também temos que observar a posição do autor em relação a essa realidade estudada e averiguar essa cultura capitalista internalizada nesses sujeitos históricos, que tanto viram, viveram, como sentiram essa inserção da cidade de Fortaleza em um capitalismo durante o final do século XIX.

Percebemos que nessa vertente literária, intitulada de Naturalismo-Realismo, a sua relação com a realidade se dá de uma maneira hegemônica, ou seja, percebemos em diversas passagens das obras estudadas uma maior significação do real, mas logicamente sem ocorrer uma separação da realidade. Dessa maneira verificamos um modo particular desse tipo de fonte de representar o ocorrido.

⁵² WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 229.

Seguindo essas ideias abordadas anteriormente, nessa parte do terceiro capítulo vamos analisar as obras e seus autores que serão utilizados na pesquisa. Os principais literatos cearenses estudados são: Rodolfo Teófilo e Adolfo Caminha. Os dois escritores pertenciam ao mesmo período histórico e suas obras analisadas aqui também tentam representar o mesmo período em foco nessa pesquisa. Esses literatos cearenses estavam inseridos em uma pequena burguesia, formada de profissionais liberais, que desejavam a todo tempo uma modernização de seu país. Esses interpretavam a realidade local através de uma leitura cientificista de um naturalismo depositado no Ceará desde a Academia Francesa, em 1872.

Os escritores cearenses que faziam parte da Academia Francesa se utilizavam de características deterministas, evolucionistas e positivistas. Essas teorias afirmavam que a sociedade tende a progredir, a avançar, a se aperfeiçoar, ou seja, tudo estava submetido a uma lei geral transformadora e evolutiva. Seguindo essas teorias os escritores cearenses acreditavam que o estado cearense estava passando por um processo evolutivo, no qual era necessário superar todas as características que remontavam a um passado colonial, escravista e de governo monárquico.

Para os letrados cearenses o século XIX (o século da ciência) era o momento de livrar-se a qualquer custo das amarras do passado e buscar uma inserção em uma nova era que tinham como principais características o progresso e a civilização. Características que para muitos letrados estavam aparecendo através do crescimento dos centros urbanos, importações de produtos europeus, construção de estradas de ferro, fim do império e abolição da escravidão.

O naturalismo se diferenciava do romantismo à medida que nos apresenta uma sociedade multifragmentada e em pleno processo de transformação. Os autores naturalistas acreditavam estar realizando uma representação menos superficial da sociedade brasileira em comparação aos romancistas, já que esses pensadores do século XIX possuíam a ciência ao seu favor.

As noções evolutivas e civilizatórias desses letrados cearenses do final do século XIX, representados por Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo, tinham como referencial a Europa. Para eles esse continente era o centro que irradiava os valores e os critérios culturais tão almejados por essa camada cearense em estudo. Esses critérios a se alcançar, para os letrados, não se resumiam apenas a âmbitos econômicos e políticos, mas também nas esferas comportamentais. Assim fica bem explícito esse pensamento em uma notícia do jornal O Pão

(periódico que Adolfo Caminha escrevia): “Que celeuma! Que alvoroço, de tarde, á porta das boticas, quando os senhores burguezes, de pança cheia, arrotando carne cosida e palitando os dentes, reúnem-se para thesourar o reverendissimo proximo!”⁵³

Analisando essa pequena passagem do Jornal “O Pão”, inferimos que esses escritores queriam se diferenciar do resto da sociedade através de seus comportamentos e de sua intelectualidade. O grande objetivo dessa camada letrada era expor e criticar os modos locais tanto das camadas abastadas como também das mais pobres. Através dessa exposição e dessas críticas, seja por periódicos ou por obras literárias, esses escritores tomavam para si a missão de levar o progresso e a civilidade para essa capital em constante processo civilizatório.

3.2 – A Normalista: a sociedade “a caminho do progresso”.

O primeiro escritor em foco é Adolfo Caminha. Nasceu no dia 29 de maio de 1867 em Aracati, no Ceará. Filho de Raimundo Ferreira dos Santos Caminha e de Maria Firmina Caminha. Tendo ficado órfão de mãe aos dez anos, foi morar com um tio no Rio de Janeiro e matriculou-se na Escola Naval aos treze e, em 1885, como guarda-marinha, fez a viagem de instrução no Almirante Barroso, época em que teve a oportunidade de conhecer várias cidades dos Estados Unidos e as principais capitais das Antilhas. De volta, serve em alguns navios da armada, na Guanabara, e em 1888 vai servir no Ceará, junto à escola de Aprendizes Marinheiros. Quando tinha vinte e um anos, protagoniza um escândalo amoroso envolvendo-se com a mulher de um militar como ele, fato que ultrajou a sociedade cearense e que lhe custou a transferência da capital cearense, mas seu coração falou mais alto e Caminha demitiu-se da marinha e retornou ao Ceará ao encontro da amada. Voltando a sua terra natal consegue um modesto emprego como escriturário do Tesouro Nacional e em fins de 1892 vai para o Rio, onde permanece por quatro anos, falecendo em 1897, aos seus 29 anos.

Adolfo Caminha se insere perfeitamente no papel de intelectual que possuía a missão de estabelecer o progresso e a civilização no Ceará. A maior parte de suas obras possui um caráter de crítica e denúncia em relação aos costumes da sociedade cearense do período

⁵³ Pão... da Padaria Espiritual. 17 de julho de 1892. Fortaleza, Edições UFC/ Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. Edição fac-similar.

estudado. Caminha em suas obras criticava aspectos sociais da realidade brasileira. Apesar de algumas de suas obras terem enredos em espaços que extrapolam o território cearense, podemos através destas compreender o olhar de Adolfo Caminha sobre as terras alencarinhas.

As obras de Adolfo Caminha retratam uma noção de civilização ligada à técnica, ao progresso, à urbanidade, ao consumo, à educação, ao refinamento, aos bons valores morais, diretamente emanada da Europa. Seguindo essa idéia, notamos a importância dada pelo autor aos produtos industrializados. Para ele um país para ser considerado civilizado teria que realizar a aquisição de produtos industrializados e possibilitar uma grande importância à produção fabril. Esse pensamento de Adolfo, em que é colocado um produto industrializado como elemento diferenciador, fica claro nessa passagem do seu livro “No país dos Ianques”:

Amostras de madeira, café em grão, fumo, artigos de borracha, constituíam os principais produtos brasileiros expostos à curiosidade dos visitantes de quase todas as partes do mundo civilizado. O pavilhão do Brasil deixa-se ficar num plano inferior aos das outras nações, como se fôssemos um pobre país, cujos produtos não valessem a pena ser expostos num certame internacional.⁵⁴

É fácil perceber nas obras de Adolfo Caminha que a capital do Ceará é colocada como uma cidade provinciana, atrasada, pouco civilizada. Temos que entender que o olhar observador do autor se dá de maneira externa. Adolfo Caminha olha a sua terra natal sempre de maneira comparativa aos centros urbanos mais civilizados. E sempre vamos notar uma vontade imensa de inserir essa cidade cada vez mais nesse processo civilizador em expansão. Analisando as principais obras desse autor vemos que o próprio estabelece uma escala de civilização que vai de Nova York a Fortaleza passando pelo Rio de Janeiro e Recife.

O conceito de civilização estabelecido por Adolfo Caminha se preocupa principalmente em a sociedade possuir uma intelectualidade, ou seja, ela se distinguir não de maneira superficial, mas sim através da cultura e do saber. Segundo Caminha esse processo se diferencia do conceito de civilização da classe média burguesa daquele período, pois esta se preocupava apenas com o consumo conspícuo, a suntuosidade das casas e as roupas de Paris. É válido reafirmar aqui que a presente pesquisa tem como foco principal perceber a inserção da sociedade fortalezense em um processo civilizador através do consumo de objetos domésticos da sala de visitas, mas que esse tipo de inserção não exclui de maneira alguma os

⁵⁴ CAMINHA, Adolfo. **No país dos Ianques**. Op. Cit., p. 140

outros, pelo contrário, acreditamos que essas diversas maneiras de inserção estão relacionadas.

Através das obras de Adolfo Caminha percebemos uma relação contraditória do autor com esse processo civilizatório estudado, pois se de um lado o autor louvava as transformações ocorridas na capital cearense, ao mesmo tempo ele as via com desconfiança. No caso da entrada de artigos importados o autor apesar de colocar como uma atitude transformadora também a colocava como um processo que ameaçava os costumes e a cultura local.

A presente obra em estudo retrata as impressões que o escritor obteve ao residir na região durante os anos de 1888 a 1892. O olhar lançado sobre a região é um olhar que caracteriza a província como atrasada e pouco civilizada. Apesar disso verificamos nessa obra a vontade que Adolfo Caminha possuía de que sua terra natal tornasse uma cidade avançada e civilizada semelhante com moldes europeus.

A *Normalista* foi publicada em 1893 no Rio de Janeiro, período em que o escritor se viu obrigado a sair de sua terra natal pelo fato de possuir na capital cearense apenas um modesto emprego de escriturário do Tesouro Nacional. Aos seus 21 anos, Adolfo Caminha era hostilizado em sua terra pelo simples motivo de ter ele protagonizado um romance com uma mulher de um militar. O fato chocou a sociedade cearense daquele período.

A maioria dos críticos literários acredita que o autor usou a ficção para se vingar da sociedade cearense daquela época que o perseguiu, hostilizou, e recriminou por causa de seu amor. Os personagens desse romance teriam correspondentes da vida real e seriam lembrados, comentados e satirizados por toda a cidade. É relevante afirmar nesse momento que as críticas literárias realizadas em relação à *Normalista* são também representativas de um tempo e como todo objeto tem que ser analisado com os devidos cuidados.

O enredo do romance não é complicado. Maria do Carmo é filha de um casal do campo que, devido à seca de 77, teve que migrar para Fortaleza. Sua mãe morreu e seu pai se viu obrigado a tentar ganhar a vida na Amazônia, tendo que deixar sua filha sob os cuidados de seu padrinho, João da Mata. Maria do Carmo se apaixona por Zuza, filho de um figurão da província e estudante de direito no Recife, e tem como confessor e amiga inseparável Lúcia, filha de uma mulher solteira. João da Mata, sujeito torpe e mesquinho, vê crescer Maria do Carmo e junto com ela o seu desejo infame de possuí-la. O enredo se desenrola a partir das

expectativas de Maria do Carmo em ver realizado o seu desejo de casar com Zuza, ao mesmo tempo em que tem que resistir às arremetidas libidinosas de seu padrinho.

Durante a narrativa da obra o autor traz à tona os espaços de sociabilidades da classe média que ele mesmo frequentava. O autor sempre considerava esses espaços inferiores aos espaços de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Ele discordava da forma como foram assimilados os valores civilizados. Embora o autor afirme isso em diversas passagens da obra, nós também percebemos que o mesmo coloca os projetos civilizatórios do Ceará como incompletos ou inclusos, mas que estes estavam caminhando e se inserindo cada vez mais nesse processo civilizador.

Esses espaços de sociabilidades são representados pelo autor como locais em que a classe média burguesa frequentava para se diferenciar das outras camadas sociais. É perceptível em diversas passagens do romance as citações de clubes, igrejas, irmandades, bailes e do tão suntuoso Passeio Público de Fortaleza:

Apenas quem não tivesse três vinténs estava proibido de sentar-se, porque nesses dias, as cadeiras eram alugadas, havia assinaturas baratas. Lia-se mesmo na Província o seguinte anúncio: “No estabelecimento Confúcio e no Clube vendem-se cartões de assinatura de cadeiras no Passeio Público, com abatimentos nos preços.” Mas, ora, toda a gente possuía dois vinténs para alugar uma cadeira, e, ademais, ia-se ao Passeio Público para andar, para se mostrar aos outros como numa vitrine, não valia a pena ir para ficar sentado, casmurro, a ver desfilar o quê? O mesmo carnaval de todos os domingos e quintas-feiras, as mesmas caras, as mesmas toilettes. Não valia a pena decerto.⁵⁵

Analisando essa passagem, inferimos o intuito dessa camada da população cearense em se dirigir ao Passeio Público era para ostentar riqueza e mostrar um status elevado. Também percebemos que os principais dias frequentados pelos moradores eram as quintas-feiras e os domingos.

Outra ação importante que também determinava um fator para sociedade se inserir em um processo civilizador capitalista em ascensão durante a segunda metade do século XIX era a questão cultural. Para os letrados da Academia Francesa o processo civilizador não devia acontecer apenas nas esferas econômicas, políticas e urbanas. Essas transformações civilizatórias teriam que ir além dessas esferas e atingir também o âmbito cultural. Para esses letrados, como foi colocado no início deste capítulo, a educação, o refinamento e os bons

⁵⁵ CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza, ABC, 1999. p. 75

valores morais, diretamente vindos da Europa, também tinham que fazer parte desse processo civilizador. A importância da educação para a civilização da capital cearense é deixada bem clara nessa passagem:

Queria a educação como nos colégios da Europa, segundo vira em certo pedagogo, onde as meninas desenvolvem-se física e moralmente como a rapaziada de calças, com uma rapidez admirável, tornando-se por fim excelentes mães de família, perfeitas donas de casa, sem a intervenção inquisitorial da Irmã de Caridade. Não compreendia como pudesse instruir-se na prática indispensável da vida social uma criatura educada a toques de sineta, no silêncio e na sensorialidade de uma casa conventual, entre paredes sombrias, com quadros alegóricos das almas do purgatório e das penas do inferno; com o mais lamentável desprezo de todas as prescrições higiênicas, sem ar nem luz, rezando noite e dia – ora pro nobis, ora pro nobis... Era de opinião do José Pereira da Província: Irmãs de Caridade foram feitas para hospitais. O diabo é que no Ceará havia colégios sérios. A instrução pública estava reduzida a meia dúzia de conventinhos: uma calamidade pior que a seca. O menino ou menina saía da escola sabendo menos que dantes e mais instruído em hábitos vergonhosos. As melhores famílias sacudiam as filhas na Imaculada Conceição como único recurso para não vê-las completamente ignorantes e pervertidas.⁵⁶

Nessa passagem da obra estudada notamos João da Mata, padrinho e Maria do Carmo, criticando a educação religiosa estabelecida no colégio da Imaculada Conceição. O pensamento do padrinho de Maria do Carmo era muito comum naquele período, pois os moldes civilizatórios queriam negar a qualquer custo qualquer ligação da sociedade com a religião imperial. Para essa camada social o pensamento educativo teria que ser laico, ou seja, livre da influência religiosa. O sistema educacional além de ser laico também teria que ter as características dos colégios da Europa.

Além da diferenciação por meio da cultura e pelos lugares que a camada mais abastada fortalezense frequentava, ainda podemos perceber certa diferenciação social e uma inserção em uma cultura capitalista através das vestimentas. As roupas da sociedade conseguem denunciar toda uma oposição social existente. A vestimenta é utilizada como promoção social e objeto de distinção social. Assim nos mostra Fernand Braudel:

Mas a moda tem também outros significados. Sempre pensei que ela vem, em grande parte, do desejo dos privilegiados de se distinguirem custe o que custar do pelotão que os segue, de erguer uma barreira, como diz um siciliano de passagem por Paris, em 1714, “nada havendo que tanto leve as pessoas nobres a desprezar os

⁵⁶ Idem., p. 15

trajes dourados como velos no corpo dos últimos homens do mundo”. É preciso portanto inventar novos “trajes dourados” ou novos sinais distintivos, sejam quais forem, e é sempre desolador ver que “tudo mudou e as novas modas burguesas, tanto para homens como para mulheres, se confundem com as que adotam as pessoas de qualidade” (1779). Com toda a evidência, a pressão dos seguidores e imitadores não cessa de animar a corrida. Mas, se assim é, é porque a prosperidade privilegia, empurra para diante um certo número de novos-ricos. Há subida na escala social, afirmação de um certo bem-estar. Há progresso material; sem ele, não mudaria tão depressa.⁵⁷

Nessa pequena passagem, além de percebermos roupa como um objeto diferenciador, também nos é alertado sobre o poder da moda. Essa moda é sempre ditada pela camada mais privilegiada. A saída de certa vestimenta da moda é tiranizada pela opinião da classe mais abastada e a utilização e obtenção de determinada peça de roupa por uma pessoa mais pobre é um dos principais motivos para a saída dessa vestimenta da moda.

Em uma passagem da *Normalista* analisamos o fator moda na capital cearense durante o período estudado e notamos que essa moda é ditada pelos padrões europeus e que a utilização de uma mesma peça de maneira demasiada e em locais públicos era motivo para desqualificar determinado usuário. Assim identificamos nessa passagem:

Que diabo! Um sujeito inteligente, com ares de fidalgo avaro, redator de um jornal, sempre trazendo a mesmíssima sobrecasaca! E o chapéu? Sempre o mesmo também, um triste chapéu de feltro com manchas oleosas! Oh! a respeitável sociedade cearense exigia primeiro que tudo decência no trajar, e aquilo assim, aquela sobrecasaca sórdida escandalizava-a como se escandaliza uma donzela diante duma estátua nua. Pois o Sr. José Pereira não podia sem grandes sacrifícios, comprar um fato novo? Então que diabo! Não aparecesse entre pessoas de certa ordem, ficasse em casa, fosse mais modesto. Sim, porque todo homem de talento, na opinião da sociedade cearense, deve acompanhar a moda em todas as suas nuances, em todos os seus requintes, deve ter sempre uma casaca à última moda, e um chapéu à última moda, conforme os figurinos, para os “momentos solenes”, deve ser enfim um sujeito “correto” na acepção, mais lata da palavra.⁵⁸

De acordo com essa passagem da obra a moda era ditada pela sociedade cearense. Essa sociedade referente na passagem é uma camada social que frequenta lugares privilegiados e distintos, ou seja, locais que exigem um traje de última moda. Para essa camada social era inadmissível determinado indivíduo repetir várias vezes a mesma roupa e adereços, chegando até mesmo a ser constrangedor e ofensivo à sociedade cearense.

⁵⁷ BRAUDEL. Fernand. **Civilização material, economia e Capitalismo nos séculos XV-XVIII**. Vol 1. São Paulo, Martins Fontes, Ed Ltda. 1995. p. 292.

⁵⁸ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza, ABC, 1999. p. 61

A sala de visita na obra *A Normalista* também é retratada como um espaço de diferenciação social. Determinado local com seus respectivos objetos era considerado como símbolo de inserção em uma cultura capitalista. Além de todos os objetivos discutidos no início desta parte, que nos informaram sobre uma literatura repleta de intenções civilizatórias, também inferimos nas poucas passagens da obra que retrata a sala de visita e seus objetos essa representação hegemônica. A primeira passagem a ser trabalhada é um texto que descreve a sala de visita do coronel Souza Nunes, o pai do Zuza:

Morava na Rua Formosa, numa casa assobradada e vistosa com frontaria de azulejos, varandas, e dois ananases de louça no alto da cimalha, à velha moda portuguesa.

O coronel gostava de passar bem, de “fazer figura”, e até certo ponto, revelava uma natureza delicada que não era indiferente ao aspecto exterior das coisas; sabia mesmo aquilatar objetos de arte, escolher bric-à-bracs.”

No que respeita a asseio ninguém o excedia. Era o que se pode chamar “um homem de bons costumes”, um pouco orgulhoso e duma susceptibilidade a toda prova em matéria de dignidade pessoal: irrepreensível e caprichoso na intimidade doméstica como na vida pública.

Fazia gosto a sala de visita, forrada a papel-veludo claro com ramagens cizentas, mobiliada com inextinguível graça, sem ostentação, sem luxo, mas onde se notava logo certa correção no arranjo dos móveis, na colocação dos quadros, na limpeza dos cristais.

Ao fundo, entre as duas portas altas e esguias que diziam para o interior da casa, ficava o piano, um Pleyel novo, muito lustroso, sempre mudo, sobre o qual assentavam estatuetas de biscuit. À direita descansando sobre grandes pregos dourados, o retrato a óleo do coronel com a sua barba em ponta, olhava para o piano, muito sério, em simetria com o da esposa.⁵⁹

Notamos nessa pequena descrição feita por Adolfo Caminha uma sala de visita com pouco móveis, uma preocupação com a arrumação dos objetos existentes e inúmeros pequenos objetos que ajudavam a decorar esse ambiente. Alertamos nessa passagem a descrição do arranjo dos móveis. Nesse período a arrumação da sala de visita dizia muito sobre a influência burguesa nesse ambiente. Os arranjos dos móveis de uma sala de visita eram realizados com um intuito mais de comunicação de valores sociais e culturais do que de valor funcional, ou seja, essa arrumação detalhada transmitindo um valor burguês

⁵⁹ Idem. p. 37.

demonstrava muito bem que tal sociedade cearense estava se inserindo nesse padrão capitalista.

Outra sala de visita descrita com seus respectivos móveis no romance “A Normalista” é a sala da residência do Loureiro, esposo da Lídia, que era a confidente da protagonista do romance, Maria do Carmo. Essa sala comparada com a outra descrita anteriormente é um espaço de uma casa mais humilde, pois não se tratava de um indivíduo com dinheiro e renome como o Coronel Souza Nunes:

Uma miniatura, a casinha do Benfica, um sonho de poeta lírico, assobradada, com sua fachada azul ainda fresca, recebendo em cheio até o meio-dia toda a luz do nascente. Logo à entrada havia uma escadinha de três degraus, de onde se via, lá dentro, nitidamente, como por um cristal muito límpido, a sala de jantar e as bananeiras do quintalejo, de um verde tenro... Sala de visitas, alcova, comunicando com um quarto, casa de jantar, varanda, despensa, quarto para criado, cozinha e quintal, tudo asseado e confortável, com uns tons aristocráticos matizando a compostura graciosa dos móveis, papel claro nas paredes e lustre na sala de visitas.

Concluídas as obras da casa, o trabalho de renovação, loureiro dera-se pressa em mobiliá-la a seu jeito, conforme as suas posses e os seus hábitos de empregado zeloso e metódico. Não pedira conselhos a ninguém: escolhera ele mesmo os móveis e os objetos decorativos, tudo novo e lustroso como se tivesse saído da fábrica naquele instante. Mandara vir dos Estados Unidos, por intermédio da Casa Confúcio, um piano americano e uma máquina de costura. E, uma vez tudo pronto, tudo no seu lugar, passou uma revista geral na casa, desde a sala de visitas até o fundo do quintal, admirando com a alma cheia de satisfação a espécie de paraíso que ele próprio criara para si.⁶⁰

Observando essa descrição verificamos que apesar de se tratar de uma sala de visitas de uma residência mais humilde, ainda notamos a vontade do anfitrião de fazer com que esse espaço social tenha cada vez mais um tom aristocrático. Os móveis têm que ser novos e lustrosos e de preferência importados. Vemos essa vontade da obtenção de objetos importados através da compra de um piano americano realizado pelo Loureiro por intermediação de uma casa comercial. Mais uma vez é importante reafirmar aqui a importância dessas casas comerciais na responsabilidade de entrada de objetos importados e também o piano como objeto obrigatório na sala de visita.

O piano, como já foi colocado no segundo capítulo da presente pesquisa, era um objeto de distinção social tanto pelo seu valor econômico como também pelo seu valor cultural, pois determinado indivíduo que possuía esse objeto também se destacava pelo seu

⁶⁰ Idem. p. 93.

“gosto apurado” e pela sua intelectualidade. No caso desse objeto não adiantava apenas obtê-lo, mas também era necessário saber utilizá-lo. Acreditamos que esse instrumento era usado com frequência, pois observando alguns periódicos da época estudada inferimos que era quase que obrigatório os colégios oferecerem aulas de piano para os alunos:

Este estabelecimento tem por fim proporcionar aos Srs. pais de família um meio de dar as suas filhas uma solida educação religiosa e civil, e uma bem desenvolvida instituição scientifica, literária e artística, adaptada a sua posição social.

1º curso primário. É leitura de prosa, contabilidade, calligrafia, grammatica portuguesa e analyse gramatical. 2º curso secundário. É língua nacional, franceza, italiana e ingleza, arithmetica, geographia, elementos da geometria, de historia e de physica. 3º curso artístico. É musical vocal e piano, desenho e pintura, trabalhos de agulha, como sejam: crochet, frioleiras,, etc.⁶¹

Essa passagem faz referência ao programa de um externato chamado S. Rosa de Lima, o qual possuía entre seus cursos as aulas de piano. No texto percebemos a importância de civilizar através do ensino e a relação da educação com a classe social. Portanto, notamos em várias passagens dessa obra de Adolfo Caminha algumas representações do período em foco. E concluímos que nessa virada de século ocorria um enorme desejo por um progresso e uma inserção na civilização que iria se estabelecer, também, através do consumo de objetos domésticos importados, o que gerava a perspectiva de luxo e ostentação da sociedade da época.

3.3 – A cultura para a elite: a disparidade nas casas das famílias cearenses na obra (A Fome) de Rodolfo Teófilo.

Rodolfo Teófilo nasceu na Bahia em 1853, mas se considerava um cearense. Possuía um grande apego ao Ceará, permanecendo nesse estado durante a maior parte de sua vida. Morou no Aracati até seus 13 anos, quando depois de ter perdido sua mãe, D. Antônia Josefina Sarmento Teófilo, de anemia, perdeu também o seu pai, o renomado médico Dr. Marcos Rodolfo Teófilo, vítima de uma das tantas epidemias que, no período, se alastravam

⁶¹ O Cearense. Anno XXXIII. 2 de Fevereiro de 1879. Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.

no Ceará. Depois da morte de seus pais, Rodolfo Teófilo ficou sob a guarda do comerciante José Francisco da Silva Albano, e passou a morar em Fortaleza.

Na infância Rodolfo Teófilo estudou no Ateneu Cearense, onde conviveu com Thomás Pompeu, Rocha Lima, Domingos Olympio e Capistrano de Abreu. Na sua adolescência, custeado pelo capitão Henrique da Justa, passou algum tempo no Recife cursando os preparativos para o teste de admissão na Faculdade de Farmácia da Bahia. Terminados os preparativos conseguiu a admissão em uma das mais renomadas faculdades do Império.

Concluído o curso em 1874, Rodolfo Teófilo retornou logo depois ao Ceará. A partir daí sua vida esteve ligada aos principais acontecimentos da província cearense. Além de farmacêutico, foi sanitarista, literato e industrial. Como literato participou das principais agremiações literárias do Ceará, foi do Clube Literário, da Padaria Espiritual, do Centro Literário, da Academia Cearense de Letras, e do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará e também era um articulista constante dos jornais.

A presente obra em foco, de Rodolfo Teófilo, nos mostra uma Fortaleza durante as secas de 1877, 1878 e 1879. Nesse romance o autor tenta denunciar a corrupção dos comissários de socorros públicos, o descaso das autoridades e dos mais abastados em relação aos retirantes da seca, os trabalhos forçados desses retirantes, os abusos das autoridades policiais, as condições de vida dos retirantes nos abarracamentos e o cotidiano de uma camada social que continuava ostentando luxo e riqueza durante esses anos de crise.

A obra narra a saga de uma família de retirantes do interior do Ceará que, devido à seca de 1877, é obrigada a buscar moradia em Fortaleza. O coronel Manuel de Freitas, em virtude da seca de 1877 perde todo seu rebanho e se retira para a capital cearense acompanhado de sua esposa D. Josefa e seus filhos. Toda a trama está relacionada com esta família que, ao chegar a Fortaleza, é ajudada e ao mesmo tempo corrompida pelo comissário de socorro Simeão Arruda. Durante o decorrer da trama percebemos as diversas humilhações que os retirantes passavam na capital desde pedir esmolas, e até trabalhar nas pedreiras do Mucuripe por uma pequena quantia de “ração” e também o imenso contraste do cotidiano dos abarracamentos com os imensos palacetes das figuras mais abastadas de Fortaleza durante esse período.

Como já foi dito na presente pesquisa, Rodolfo Teófilo, assim como Adolfo Caminha também acreditava que a literatura desempenhava um papel civilizatório. Inferimos nessa obra a ideia de civilização relacionada com a higienização das cidades, as condições de moradia, condições de saneamento e também o desapego a costumes religiosos. Percebemos a vontade de um estado laico como um aspecto de civilização nessa pequena passagem:

O comissário agonizava, tendo a imagem de Cristo sobre o peito e uma vela acesa na mão.

- Eis a imagem do Crucificado! Aperta-a com força ao coração: reconcilia-te com Deus, arrepende-te de teus erros que estás à beira da sepultura. Eu te perdoo, porque não levo o meu ódio ao túmulo; não porque sejas digno de minha compaixão, disse Edmundo, afastando-se do comissário.

Constantino, fiel continuador dos costumes de seus antepassados, ajoelhou-se junto ao moribundo, para ajuda-lo a bem morrer. Estúpida e bárbara cerimônia que tantos séculos de civilização ainda não puderam acabar, até nas classes mais cultas da sociedade.⁶²

Os letrados da Academia Francesa do século XIX acreditavam que para Fortaleza chegar ao progresso e à civilização desejada era preciso se desprender dos costumes coloniais.. Esse ideal de progresso devido à abolição foi muito utilizado por esses letrados, pois o estado cearense foi o primeiro do país a abolir a escravidão. Rodolfo Teófilo deixa clara sua opinião sobre a escravidão nessa pequena passagem:

O corretor entrou no gabinete, seguido de doze cativos. Todos mais ou menos abatidos e cansados da viagem, tinham uma fisionomia triste e desgostosa. Entraram um após outro para o quarto das observações. O corretor ordenou-lhes que se pusessem em linha e se despissem. Obedeceram. Alguns automaticamente se punham nus, mas outros tiravam a roupa com vergonha. O espetáculo era indigno da civilização do século. aqueles homens sadios, fortes, se submetiam de corpo e alma à vontade de outros homens que se intitulavam seus senhores e a quem obedeciam com uma passividade de corpo inanimado, porque as leis garantiam-lhes o direito de propriedade.⁶³

Essa passagem da obra “A Fome” retrata a compra e a venda de escravos durante o período da escravidão. O autor nos alerta que os escravos eram considerados objetos ou

⁶² TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, p. 204.

⁶³ Idem, p. 63.

propriedades. E notamos também a indignação do autor com as leis que garantiam a escravidão que, segundo a opinião dele, era um contraste com esse processo civilizador vigente.

A obra também nos serve à medida que Rodolfo Teófilo descreve as residências e principalmente as salas de visitas das famílias mais abastadas da capital cearense durante o período estudado. Verificamos diversos objetos da sala de visitas que demonstram a inserção de determinada camada social em um processo civilizatório:

Era um salão de luxo, porém ornado à moda parisiense e que seria um confronto, uma delícia num clima frio, mas, no equador, era uma estufa, uma tortura. Uma mobília de magno à Luís XIV, estofado com as cadeiras em duas filas, aos lados do sofá, numa simetria monótona e rotineira, enchia o espaço da parede do oitão ao meio da sala. As cadeiras pisavam com os pés de carritéis de metal amarelo um espesso tapete Francês, verdoengo com alegóricas figuras chinesas.

Sobre o mármore dos dunquerque espelhos de cristal encaixalhados em quadrilongas molduras douradas, com festões áureos de narcisos e tulipas. Dois a dois sobre a pedra do móvel, empinavam-se os jarros de porcelana, mostrando no bojo ramalhetes de rosas em relevos, aparentando a cor e frescuras naturais. Entre as flores petrificadas apareciam as figuras esbeltas e sadias de camponesas meio nuas, deixando perceber as formas meio descobertas. Do centro do teto, um forro de pesado estuque, em desacordo na altura com os preceitos arquitetônicos, descia o suporte de um candeeiro de gás com doze luzes. As três janelas, que se abriam para a rua, eram decoradas de cortinadas de seda branca, franjados de ouro. Os panos de parede eram forrados de papel azul-celeste com flores douradas. Nos claros das janelas e nos espaços vazios dos lados do grande espelho oval sobre o sofá pendiam retratos de família em telas ricamente molduradas. Entre as personagens que o pincel do artista copiou, duas prendiam a atenção: uma pela a esquisitice do traje, outra pela irregularidade das feições. Eram um homem e uma mulher. De visa-a-vis, olhavam um para o outro, mas com um olhar morto, um olhar de animal quando ruma.⁶⁴

A citação analisada retrata a sala de visitas do comendador Prisco da Trindade. Esse personagem era um dos principais comerciantes de escravos de Fortaleza. Homem de bastante respeito e respaldo entre as camadas mais ricas da capital. Logo no início da descrição desse espaço da residência o autor já realiza uma comparação da mobília da casa do comendador com as mobílias europeias. O autor já mostra a dificuldade da utilização de determinados objetos e decorações no país dos trópicos, alegando que devido ao clima quente era quase impossível ter um conforto com esses artefatos de origem parisiense. Essa questão de colocar o clima como um fator determinante para a civilização era uma característica muito comum entre os estudiosos cientificistas e deterministas geográficos do século XIX.

⁶⁴ Idem, p. 57.

Analisando a descrição da sala de visitas de Prisco da Trindade, notamos uma vontade de se inserir nesse processo civilizador mesmo se isso custasse o seu desconforto. Vemos uma sala totalmente decorada com objetos importados e uma grande preocupação com os arranjos dos objetos. As cadeiras teriam que estar sempre em simetria, o uso das cortinas nas três janelas permitia a entrada de vento e uma maior claridade para a sala dando assim a esse espaço uma maior higiene. Por último a presença de inúmeros quadros e jarros de porcelana que decoravam o ambiente demonstrando a riqueza e a ostentação dos moradores.

Portanto, analisando essas duas obras da literatura cearense, conseguimos perceber a vontade de uma camada social tentar inserir a qualquer custo a sociedade fortalezense em um processo civilizador. Através dessas narrativas literárias, além de notarmos a intenção civilizatória dos respectivos autores também inferimos diversas passagens que demonstram uma sociedade com um desejo de abolir a escravidão, se libertar do Império e aderir a uma cultura civilizada através do consumo de produtos importados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos como a partir da segunda metade do século XIX a cidade de Fortaleza passou por um movimento de aceleração do seu cotidiano. Durante as últimas décadas do século XIX o estado cearense se inseriu em uma expansão do Capitalismo e vimos como essa cultura estava presente nos principais artefatos das salas de visita das famílias fortalezenses. Muitos artefatos dessas salas configuravam como símbolo da modernidade e paralelo com isso o governo cearense vinha modernizando cada vez mais a cidade através de um projeto urbanístico.

O aumento do consumo de objetos importados pela sociedade cearense se deu cada vez mais a partir do aumento das instalações de diversas casas comerciais na região. Vimos que essas casas comerciais tiveram um papel importante no consumo de determinados artefatos e na grande influência do estilo de vida europeu que vinha sendo contemplado pelos cidadãos de Fortaleza. É, portanto, a partir da década de 1870, com a chegada dessas casas comerciais, que Fortaleza inicia sua inserção em um processo civilizador através do consumo de objetos importados.

A partir do estudo de uma casa comercial da época em foco conseguimos notar a importância das demais firmas comerciais nessa expansão capitalista. Analisamos a casa comercial Boris Frères, pois, segundo a maioria dos autores dessa linha de pesquisa, esta teve uma grande importância comercial e acabou se destacando perante as demais. Essa casa comercial era a principal responsável pelo ramo de importação de produtos estrangeiros como: tecidos, roupas, perfumarias, artigos de decoração, mobílias, papelaria e material para escritório, maquinaria, material fixo e rodante para estrada de ferro, cimento, carvão, madeira de obras, gêneros alimentícios, estrutura de ferro fundido. Além da importação, a Boris Frères exportava produtos do estado cearense para a Europa e ainda era responsável pelas transações comerciais entre a capital do Ceará e seu interior.

Como vimos, a sociedade fortalezense estava cada vez mais encantada com o estilo de vida europeu. Verificamos que essa influência europeia repercutiu no gosto de morar burguês adotado pelos cidadãos alencarinos. Refletimos e notamos um ambiente marcado pela separação dos cômodos mostrando a individualidade capitalista. Também a sala de visita

como um ambiente de demonstração de luxo e ostentação de riqueza, pois era o compartimento no qual o anfitrião recebia seus convidados.

Foi possível perceber, através da bibliografia estudada e dos inventários, o gosto de uma mobília de estilo europeu, que na maioria das vezes era de origem estrangeira, mas com o passar do tempo começou a ser produzida no próprio Brasil com forma estilística europeia. Foi essa mobília importada que moldou e caracterizou o cotidiano de fortaleza durante o período estudado.

Realizamos um estudo da sala de visita que foi além de seu caráter material, mas sim conseguimos observar e demonstrar a esfera cultural desse compartimento. A sala de visita representa uma esfera social e cultural, foi através de seus objetos que conseguimos realizar um estudo das relações sociais, dos estilos de vida e de qual tipo de civilização a família cearense desejava almejar a qualquer custo. Graças aos periódicos percebemos o grande desejo da sociedade cearense pelos objetos europeus que para eles sempre representaram o moderno e o civilizado.

Através dos inventários, logo notamos que apenas uma pequena camada social de Fortaleza fazia uso desses objetos importados utilizados na sala de visita. Apenas a aristocracia cearense tinha a posse e o uso desses artefatos importados que demonstravam o moderno. Nos inventários foi comum circular por estes apenas pessoas importantes que na maioria das vezes possuíam títulos nobiliárquicos, até porque só realizava esses inventários quem tivesse um bom patrimônio financeiro para deixar.

Entre os objetos analisados das salas de visita em foco, que representavam o Capitalismo no seu viés cultural estavam: o canapé, o piano, o relógio, a escarradeira e os oratórios. Todos esses objetos analisados em nossa pesquisa representam cada uma a sua maneira, uma cultura capitalista europeia moderna que trabalhamos e mostramos ao longo da narrativa em questão.

Notamos, através de alguns autores da literatura cearense, a presença de uma cultura capitalista e de um discurso civilizador na região cearense. Analisando as seguintes obras: *A Normalista* e *A Fome*; e seus respectivos autores, percebemos a vontade de uma pequena burguesia por um país mais moderno, um país que seguisse os modos do continente europeu. Nessas duas obras averiguamos diversas passagens que transmitiam um gosto da sociedade por objetos importados e como esses objetos mudaram seu cotidiano. Esses objetos da sala de

visita, segundo a literatura cearense da época, transmitiam sim uma diferenciação social tanto devido a sua materialidade como também pelo comportamento e pela ritualística realizada pelas famílias perante esses artefatos.

No mais, focalizamos no estudo dos artefatos da sala de visita e seu caráter intrínseco às relações sociais. Estudar a penetração desses artefatos importados nos fez perceber a relação desses com a modificação do cotidiano da sociedade cearense durante a segunda metade do século XIX, caracterizado por uma obsessão de uma camada social em se inserir em determinado processo civilizador capitalista.

FONTES

1. PERÍODICOS

1.1 JORNAIS

- O CEARENSE (1864, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1879, 1885, 1890)
- O DIÁRIO (1892)

1.2 REVISTAS

- Revista do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará. Fortaleza (1918)

2. INVENTÁRIOS

- Inventário de Antonio Nunes Teixeira de Mello e Maria Firmina Teixeira de Mello, Fortaleza. 1877.
- Inventario de José Luis Machado, Fortaleza. 1916.
- Inventário de Manoel Gomes de Melo. Ico, 1815.
- Inventário de Cristóvão Barros Rego. Aquiras, 1806.
- Inventário de Visconde e Viscondesa de Cahype. Fortaleza, 1877.
- Inventário do Barão de Santo Amaro Fortaleza, 1877.

3. LIVROS DA LITERATURA CEARENSE.

- CAMINHA, Adolfo. **Tentação**; Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.
- CAMINHA, Adolfo. **No país dos Ianques**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza, ABC, 1999
- TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Eliane Morelli. **Morar e viver na cidade**: Campinas (1850-1900). Almeda Editorial. No prelo.

_____. **Mobiliário e utensílios domésticos dos lares campineiros (1850-1900)**. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2008.

BRAUDEL, Fernando. **A dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **Civilização Material e Capitalismo (séc. XV-XVIII)**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (3 volumes).

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Fortaleza, ABC, 1999.

CAMPOS, Eduardo. **Capítulos de História da Fortaleza do século XIX**. O social e o urbano. Fortaleza, EUFC. (Col. “José de Alencar”).

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material São Paulo, 1870-1920. Tese (Doutorado) apresentada na Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2001.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1991.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar Ed. , 1994.

FREIRE. Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Tabooks, 2001.

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **As Casas e as Coisas**: um estudo sobre vida material e domesticidade nas moradias de Belém, 1800-1850. Dissertação (Mestrado) apresentada a Universidade Federal do Pará. Pará: UFP, 2006.

MACFARLANE, Alan. **A cultura do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p.177.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Cinzas do Passado: Riqueza e cultura material no vale do paraopeba/MG, 1840 a 1914.** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado)

MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Boris e a Importância de seu Arquivo.** Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.

MOTA, Lourenço Dantas (organizador). **Introdução ao Brasil.** Um banquete no trópico. 3º Ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Associação Comercial do Ceará.** Ceará. Ed. Stylus, 1991.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. **Consumo e Cultura Material: São Paulo Belle Époque (1890-1915).** Instituto de Economia da Unicamp, 2009. (Tese de Doutorado)

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930).** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.

SOUSA, S. (dir.). **História do Ceará.** Fortaleza: UDC/FDR, 1989.

_____. **Uma nova História do Ceará.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2000.

SOUZA, Thiago Schead de. **Na Casa e na Rua: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970).** Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Ceará: Fortaleza: UFC, 2008.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: Origens do capital estrangeiro no Brasil.** NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação.** Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850).** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Hucitex, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo. Editora Martin Claret Ltda, 2001.